



**V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem
no Discurso: *Ceci n'est pas une pipe*
&
IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação:
*Thinking (and doing) otherwise***

**23 a 25 de outubro de 2019
Uberlândia – MG – Brasil**

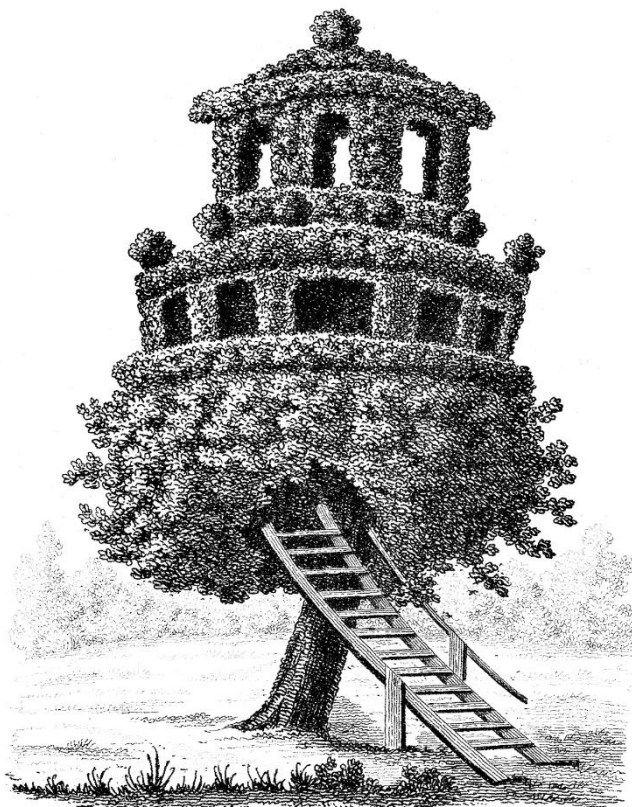
Caderno de Programação e Resumos

Nº. 1 2019

Organizadores:

Simone Tiemi Hashiguti
Fabiane Lemes
Isabella Zaiden Zara Fagundes
Rogério de Castro Ângelo
San Thiago de Araújo e Silva

**Uberlândia – MG
Outubro de 2019**



**V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem
no Discurso: *Ceci n'est pas une pipe*
&
IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação:
*Thinking (and doing) otherwise***

**23 a 25 de outubro de 2019
Uberlândia – MG – Brasil**

Caderno de Programação e Resumos

Nº. 1 2019

Organizadores:

Simone Tiemi Hashiguti
Fabiane Lemes
Isabella Zaiden Zara Fagundes
Rogério de Castro Ângelo
San Thiago de Araújo e Silva

**Uberlândia – MG
Outubro de 2019**

V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso: *Ceci n'est pas une pipe.*

&

IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação: *Thinking (and doing) otherwise*

Realização:

Grupo de Pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso e Grupo de Trabalho Transculturalidade, Linguagem e Educação

Apoio:

Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Instituto de Letras e Linguísticas - ILEEL
Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos - PPGEL
Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis – PROEX

Biblioteca Setorial Campus Santa Mônica - UFU
Editora da Universidade Federal de Uberlândia –
EDUFU
Grupo Vasconcelos
Restaurante Banana da Terra
Parábola Editorial

Arte: René Magritte (Capa 1) & Artista desconhecido (Capa 2).

Os textos apresentados são de inteira responsabilidade de seus autores.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU - MG, Brasil**

C719d Colóquio do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem no Discurso:
Ceci n'est pas une pipe (5. : 2019 : Uberlândia, MG)
Caderno de programação e resumos / V Colóquio do Grupo de
Pesquisa O corpo e a Imagem no Discurso: Ceci n'est pas une pipe ;
IV Simpósio em transculturalidade, linguagem e educação: Thinking
(and doing) otherwise, de 23 a 25 de outubro de 2019, em
Uberlândia, Minas Gerais ; coordenação: Simone Tiemi Hashiguti
...[et al.] - Uberlândia : UFU/ILEEL, 2019.

N. 1 - 2019
ISSN: 2594-7435
Disponível em:

<http://www.ileel.ufu.br/cid/index.php/cadernodeprogramacaoeresumosdocidcolociodogrupodepesquisaacorpoeaimagemnodiscurso/>

1. Linguística - Congressos. 2. Linguagem - Congressos. 3.
Imagem - Congressos. I. Hashiguti, Simone Tiemi. II. Lemes,
Fabiane. III. Fagundes, Isabella Zaiden Zara. IV. Ângelo, Rogério de
Castro. V. Silva, San Thiago de Araújo e. VI. Universidade Federal
de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. Grupo de pesquisa
O corpo e a imagem no discurso. VII. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva – CRB 6 - 1408

Universidade Federal de Uberlândia - Instituto de Letras e Linguística
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Sala 1U233– Campus Santa Mônica
CEP – 38408-144 – Uberlândia – Minas Gerais
Telefone: (34) 3291-8329
Home page: <http://www.ileel.ufu.br/cid>

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Valder Steffen Júnior

Vice-reitor

Orlando César Mantese

Pró-reitor de Graduação

Armando Quillici Neto

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Carlos Henrique de Carvalho

Pró-reitor de Planejamento e Administração

Darizon Alves de Andrade

Pró-reitora de Assistência Estudantil

Elaine Saraiva Calderari

Pró-reitor de Extensão e Cultura

Helder Eterno da Silveira

Pró-reitor de Gestão de Pessoas

Márcio Magno Costa

Prefeito Universitário

João Jorge Ribeiro Damasceno

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Ariel Novodvorski

**V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa o Corpo e a Imagem no
Discurso: *Ceci n'est pas une pipe*
IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação: *Thinking
(and doing) otherwise***

Uberlândia – MG – Brasil

23 a 25 de outubro de 2019

COMISSÃO ORGANIZADORA

Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Profa. Dra. Ivani Rodrigues da Silva (Unicamp)
Eliana de Sousa Andrade Ladeira (UFU)
Me. Fabiane Lemes (UFU)
Me. Fabiene de Oliveira Santos (UFU)
Me. Giselly Tiago Ribeiro Amado (UFU)
Isabella Zaiden Zara Fagundes (UFU)
Rogério de Castro Ângelo (UFU)
San Thiago de Araújo e Silva (UFU)

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Denise Chaves de Menezes Scheyerl (UFBA)
Profa. Dra. Ivani Rodrigues Silva (Unicamp)
Profa. Dra. Kate Mamhy Oliveira Kumada (UFABC)
Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFBA)
Profa. Dra. Maria Elena Pires Santos (UNIOESTE)
Profa. Dra. Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)
Profa. Dra. Neiva Maria Jung (UEM)
Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PROGRAMAÇÃO GERAL	9
PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE DEBATE	11
RESUMOS.....	20
CONFERÊNCIA, MINICURSO E MESAS-REDONDAS.....	21
SESSÕES DE COMUNICAÇÕES	28
RELEASE DA ARTISTA.....	69

V Colóquio do Grupo de Pesquisa o Corpo e a Imagem no
Discurso: *Ceci n'est pas une pipe*
IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação:
Thinking (and doing) otherwise

APRESENTAÇÃO

É com entusiasmo e carinho que apresentamos a quinta edição do Colóquio do Grupo de Pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso: “*Ceci n’est pas une pipe?*”, em que nos propomos a refletir sobre a relação entre palavra e imagem, visando a inspirar pesquisadoras e pesquisadores a discutir o funcionamento da língua(gem) e das práticas e estratégias discursivas na contemporaneidade e sua relação com a arte, a literatura, a filosofia, dentre outras áreas.

Junto a essa discussão, entremeando-se com ela, acolhemos o quarto Simpósio do Grupo de Trabalho Transculturalidade, Linguagem e Educação: *Thinking (and doing) otherwise*, que visa a promover um espaço para teorizar a linguagem, o ensino e a aprendizagem de línguas e a produção de sentidos em pesquisas cuja transdisciplinaridade sugere uma intelectualidade e um fazer acadêmico e educacional que apontam para um pensar e fazer outro.

Desejamos um ótimo evento a todos!

Comissão Organizadora

PROGRAMAÇÃO GERAL

Dia 23 de outubro de 2019

*Local: Anfiteatros do Bloco 5 O A do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

8h30: Credenciamento

9h: Sessão de abertura

9h30: Conferência de Abertura

Ceci n'est pas une vérité: Cultura Digital e Expansão de Perspectivas

Profa. Dra. Walkyria Monte Mor (USP)

Anfiteatro 5OB

11h: Sessões de debate 1

Anfiteatros 5O

12:30: Almoço

14h: Mesa-redonda 1: *Translinguagem, transculturalidade e educação de línguas*

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (UEMS)

Profa. Dra. Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)

Profa. Dra. Neiva Jung (UEM)

Anfiteatro 5OB

16h: *Coffee-break*

16h30: Sessões de debate 2

Anfiteatros 5O

18h: Apresentação cultural

Abertura de exposição

Lançamento de livros

19h: Coquetel de abertura

Dia 24 de outubro de 2019

*Local: Anfiteatros 5 O-B do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

9h: Mesa redonda 2: *Multilinguismos, Ideologia Linguística e Espaços de Resistência*

Prof. Dr. Alexandre Cadilhe (UFJF)

Profa. Dra. Ivani Rodrigues Silva (UNICAMP)

Profa. Dra. Kate Kumada (UFABC)

11h: Sessões de debate 3

Anfiteatros 5 O

12h30: Almoço

14h30: Minicurso: *Controle de Sentidos e Expansão Interpretativa: Perspectivas Críticas na Educação Linguística*

Profa. Dra. Walkyria Monte Mor (USP)

Anfiteatro 5 O B

16h: *Coffee break*

- 16h:20:** Apresentação cultural
16h45: Sessões de debate 4
Anfiteatros 5 O
18h15: Finalização dos trabalhos do dia
20h: Jantar por adesão

Dia 25 de outubro de 2019

*Local: Anfiteatro 5 O-B do Campus Santa Mônica
Universidade Federal de Uberlândia*

- 9h:** Reunião anual dos membros do GT: Transculturalidade, Linguagem e educação
(somente para membros do GT)
Anfiteatro 5 OB
- 10h:** Mesa-Redonda 3: *Multimodalidade e Ensino Crítico em Letras*
Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti (UFU)
Profa. Dra. Simone Batista da Silva (UFRRJ)
Anfiteatro 5 OB
- 11h30:** Sessões de debate 5
Anfiteatros 5 O
- 13h:** Almoço
- 14h30:** Sessões de debate 6
Anfiteatros 5 O
- 16h:** *Coffee break*
- 16h30:** Mesa-redonda 4: *Políticas Linguísticas e Ensino de Línguas na (A)Diversidade*
Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi (UFS)
Profa. Dra. Marcia Paraquett (UFF/UFBA)
Prof. Dr. Sergio Ifa (UFAL)
Anfiteatro 5 O B
- 18h:** Plenária final
- 19h:** Happy hour por adesão

PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES DE DEBATE

**Sessão de Debate 1-C: Educação linguística /
Ensino e aprendizagem de línguas**

Data: 23/10/2019 Horário: 11h00 Local: Anfiteatro 50 – C

Mediação: Kate Mamhy Oliveira Kumada

Autor(a)	Título
Peterson José de Oliveira	Alguns conceitos semióticos relevantes para o ensino-aprendizagem do gênero história em quadrinhos na aula de Língua Portuguesa
Fernanda Cristina de Campos	Poesia e imaginação: expedientes poéticos e práticas discursivas
Emely Pujólli da Silva Kate Mamhy Oliveira Kumada Paula Dornhofer Paro Costa	Analysis of facial expressions in Brazilian sign language
Leandro Silveira de Araújo	Espanhol para Turismo: Desafios na Formação de Professores de Espanhol para Fins Específicos

Sessão de Debate 1-D: Percepções imagéticas do corpo: contradições entre o discurso e a prática em academias de ginástica e redes sociais

Data: 23/10/2019 Horário: 11h00 Local: Anfiteatro 50 - D

Mediação: Simone Tiemi Hashiguti

Autor(a)	Título
Regina Maria Jordão Cardoso de Castro Julio Cesar de Lima Ramires	Percepções imagéticas do corpo: contradições entre o discurso e a prática em academias de ginástica e redes sociais
Carla Nunes Vieira Tavares	No espectro do outro, imigrante, a imagem de si, brasileiro: funcionamentos paranoicos em cibernetícias
Mário Sérgio Teodoro da Silva Junior	Como um jogador lê o videogame? Questões de corporalidade, narratividade, actualização e percepção
Tainá Terence Silva	Construção de sentidos sobre a beleza no Instagram: a discursivização do corpo da

	mulher
--	--------

Sessão de Debate 2-C: Estratégias de poder e de resistência
Data: 23/10/2019 Horário: 16h30 Local: Anfiteatro 50 - C

Mediação: Marcia Paraquett

Autor(a)	Título
Renata Gonçalves	As políticas de gênero e sexualidade no blues feminino da era clássica (1920-1930)
Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi Layane Campos Soares Maria Aparecida Resende Ottoni	Análise Discursiva Crítica de uma história em quadrinhos: Maria da Penha vai às escolas
Aline Pinheiro Salmin Juliana Soares Bom-Tempo	Práticas de descolonização dos corpos femininos: micropolíticas da arte e da vida
Giulia Mendes Gambassi	Escrever (r)existências:

Sessão de Debate 2-D: Ensino e aprendizagem de línguas/Estratégias de poder e resistência / Epistemologias emergentes e híbridas
Data: 23/10/2019 Horário: 16h30 Local: Anfiteatro 50 - D

Mediação: Walkyria Monte Mor

Autor(a)	Título
Eliana de Sousa Andrade Ladeira	A interferências da língua materna e o corpo como materialidade que permeiam o ensino-aprendizagem de língua inglesa.
Érika Amâncio Caetano	Pós-memória, identidade docente e cultura de sala de aula no Brasil pós-colonial
Nara Hiroko Takaki	Redefinindo translanguaging no Centro-Oeste com base na vivência transcultural na escola pública
Tatiana Martins Gabas	Ser professora sendo mãe: língua coreana em famílias transnacionais residentes no Brasil
Simone Tiemi Hashiguti Rogério de Castro Ângelo Rodrigo de Castro Ângelo	A questão da inteligibilidade entre humano e máquina na aprendizagem de LI como LE

**Sessão de Debate 3-A/B: Educação linguística /
Ensino e aprendizagem de línguas**

Data: 24/10/2019 Horário: 11h00 Local: Anfiteatro 50 - A/B

Mediação: Neiva Maria Jung

Autor(a)	Título
Fernanda Caricari Valéria Campos Muniz	Letramentos em L2: a posse da palavra
Fernanda Beatriz Caricari de Moraes	Análise das produções escritas de alunos surdos aprendizes de Língua Portuguesa como Segunda Língua com suporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional
Juliana Pellegrinelli Barbosa Costa Ivani Rodrigues Silva Kate Mamhy Oliveira Kumada	Representações do ensino de língua portuguesa ao aluno surdo brasileiro no contexto de escolas bilíngues
Ivani Rodrigues Silva	Educação Bilíngue para surdos: multilinguismo, repertórios comunicativos e identidades surdas

Sessão de Debate 3-C: Estratégias de poder e de resistência

Data: 24/10/2019 Horário: 11h00 Local: Anfiteatro 50 - C

Mediação: Cristiane Carvalho de Paula Brito

Autor(a)	Título
Cristiane Carvalho de Paula Brito Maria de Fátima Fonseca Guilherme	Aprendendo inglês 'like' otherwise: discursividades sobre o coaching de idiomas
Flávius Almeida dos Anjos	Que identidade tenho quando falo inglês? A assunção do não nativo e a descentralização do nativo de língua inglesa
Andréa Machado de Almeida Mattos Mariana Coura	Formação crítica de professores: a pós-memória como estratégia de resistência
Mislele Souza da Silva	As linguagens e a construção do feminino na luta pela anistia em Minas Gerais

Sessão de Debate 3-D: Práticas Translúngues e Transculturais / Estratégias de poder e resistência

Data: 24/10/2019 Horário: 11h00 Local: Anfiteatro 50 – D

Mediação: Alexandre Cadilhe

Autor(a)	Título
Marcela Cristiane da Silva	Era uma vez...um conto que virou curta-metragem: uma sequência básica de ensino de gêneros pautada na análise de discurso crítica e na pedagogia dos multiletramentos
Daniel Mazzaro Venan Alencar	As narrativas do pós-armário no YouTube: discurso, cultura e subjetividades
Marcus Vinícius Lessa de Lima	Ditadura gay: poética e política de uma homonorma distópica
Eric Teixeira Silva	“O pânico todo disfarçadinho no rosto”: corpo, confissão e poder em O amor dos homens avulsos, de Victor Heringer

Sessão de Debate 4-A/B: Construções discursivas e imagens: circulação em rede

Data: 24/10/2019 Horário: 16h45 Local: Anfiteatro 50 – A/B

Mediação: Ivani Rodrigues Silva

Autor(a)	Título
Helen Cristine Alves Rocha	A linguagem e as coisas: Cinderela Surda e a representação no espaço-corpo
Jéssica Teixeira de Mendonça	De Princesa a “Bela, recatada e do lar”: uma análise do site “A escola de Princesas”
Mariana Ruiz Nascimento Cristiane Carvalho de Paula Brito	EJA na mídia: representações discursivas de estudantes
Sara Gonçalves Rabelo	A construção crítica do leitor em sala de aula: a leitura de contos on-line

Sessão de Debate 4-C: Processos de normatização dos corpos
Data: 24/10/2019 Horário: 16h45 Local: Anfiteatro 50 – C

Mediação: Simone Batista da Silva

Autor(a)	Título
Fabiane Lemes	“Mulher-Maravilha”? Normatizações para o corpo feminino na contemporaneidade
Giselly Tiago Ribeiro Amado	Processos de interdição em redes sociais: a amizade requer corpo?
Isabella Zaiden Zara Fagundes	Ela, ele, nós e a busca por relacionamentos (ir)reais
Tamira Fernandes Pimenta	Frida Kahlo e os estilhaços do “Eu”: O corpo e suas reverberações
Paulo Soares Augusto	Fotografia e violência: reflexões sobre corpos (in)dóceis

Sessão de Debate 4-D: Processo de normatização dos corpos
Data: 24/10/2019 Horário: 16h45 Local: Anfiteatro 50 – D

Mediação: Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto

Autor(a)	Título
Lucas Nascimento	Fotografia digital publicitária, G Magazine e percurso de leitura do olhar
Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto	Pedagogias do feminino: regimes de poder e verdade na escolarização dos corpos na/da contemporaneidade
Juliana Soares Bom-Tempo	Por uma Clínica-Poética ou como se dá uma ética dos encontros quando não se tem amanhã?
Marina Silvério	O manifesto transexual: narrativas de uma artista travesti em um “cistema” transfóbico
Ivan Marcos Ribeiro	“ <i>Hijra e Kinnar</i> ”: potencializando o terceiro sexo na narrativa <i>O ministério da felicidade absoluta</i> , de Arundathi Roy

Sessão de Debate 5-A/B: Estratégias de poder e de resistência
Data: 25/10/2019 Horário: 11h30 Local: Anfiteatro 50 - A/B

Mediação: Maria Inêz Probst Lucena

Autor(a)	Título
Claudia Marinho Wanderley	Local Epistemologies are a pipe of Peace
Raphael Marco Oliveira Carneiro	“Who could smoke the pipe in my picture?”: on the inception of conceptual spaces
Sybele Macedo	Reclaiming the body through tattoos
Bruno Martin Morais	Warã: individuação e política discursiva entre os A’uwe-Xavante
Fernando Alberto Pozetti Filho	A inversão do conceito de simulacro e os caracteres performáticos de linguagem na arte pós-moderna

Sessão de Debate 5-C: Estratégias de poder e de resistência
Data: 25/10/2019 Horário: 11h30 Local: Anfiteatro 50 – C

Mediação: Karina Luiza de Freitas Assunção

Autor(a)	Título
Miriam Mendonça Martins	O (in)confessionalismo das imagens poéticas em Sylvia Plath: uma análise de Ariel segundo a estética de Ezra Pound
Maria de Fátima Silva Amarante	Gênero: (in)dizibilidade e in(visibilidade) da sujeição e da resistência.
Lígia Cristina Domingos Araújo Amanda da Conceição Barros Pereira	Issues of power and resistance in teacher education: initial and continuing education of English teachers
Valéria Amim Patrick Silva Cavalcante	O filme-ensaio como bifurcação da linguagem na metaficção homoerótica do filme “Ilha”

Sessão de Debate 5-D: Estratégias de poder e de resistência
Data: 25/10/2019 Horário: 11h30 Local: Anfiteatro 50 – D

Mediação: Neiva Maria Jung

Autor(a)	Título
Onilda Aparecida Gondim	Discursividades de alunos surdos, professores e intérpretes sobre as práticas de leitura e de escrita na educação inclusiva: da relação do sujeito entre línguas com o saber em Língua Portuguesa
Margarete Santos	Escrita de si e identidade nos Cadernos de Lanzarote de José Saramago
Walkiria Felix Dias	Alguns discursos que atravessam a educação prisional
Cristiana Silva Mendes Cangussú	Se o ar fosse sólido: imagens e palavras de “Breath”, de Samuel Beckett

Sessão de Debate 6-C: Processo de normatização dos corpos
Data: 25/10/2019 Horário: 14h30 Local: Anfiteatro 50 – C

Mediação: Flávia Benfatti

Autor(a)	Título
Sybele Macedo	O corpo indisciplinado de Roxane Gay
Karina Luiza de Freitas Assunção	Entre o crespo e liso: a constituição da subjetividade e sua relação com o cabelo
Layenne Humberto de Oliveira	O corpo negro em espaços de poder: relatos de professoras negras
Fabiene de Oliveira Santos	Um olhar da imagem do humano(ide) pelo feminino: hospitalidade ou hostilidade
Flávia Benfatti	O patriarcado e a violência de gênero

Sessão de debate 6-D: Cultura Digital: outras perspectivas sobre linguagem, sujeito e cultura

Data: 25/10/2019 Horário: 14h30 Local: Anfiteatro 50 - D

Mediação: Vanderlei J. Zacchi

Autor(a)	Título
Fabiana Biondo	O sujeito e a cultura em cenários online: (re)fazer etnografia
Rodrigo Abrantes da Silva	Práticas de multiletramentos e pedagogia reflexiva na plataforma Scholar: relato do projeto piloto USP - UIUC (2019)
Eliane Fernandes Azzari	Etnografia digital, língua(gens) e o trâmite entre os universos online e off-line
Eduardo de Moura	Political remix: novas epistemologias, plurilinguismo e o discurso citado nas culturas juvenis
Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos	Transculturalidade, intermedialidade e novas produções estéticas: leituras sobre a arte surda contemporânea

RESUMOS

CONFERÊNCIA, MINICURSO E MESAS-REDONDAS

1) Conferência de Abertura:

Ceci n'est pas une vérité: Cultura Digital e Expansão de Perspectivas

Profa. Dra. Walkyria Monte Mor (USP)

A apresentação propõe discutir as construções de sentidos gerados pelos conceitos conflitantes de cultura, linguagem, representação e identidade observados na construção dos conhecimentos que caracterizam a Sociedade da Escrita e a Sociedade Digital (MONTE MOR 2017). Inspirada na obra *Ceci n'est pas une pipe* de Magritte (1928-29) e tendo como base as teorias de Letramentos (Letramento Crítico, Letramento Digital, Multiletramentos, Novos Letramentos), debaterá os referidos conceitos conflitantes nas diferentes visões de sociedade: uma que se construiu segundo conceitos homogeneizantes e universalizantes de linguagem, cultura e sujeito; outra que resgata noções plurais, apontando para o heterogêneo reprimido pela homogeneidade. A discussão, portanto, (a) focalizará indicações teóricas que há algum tempo falam sobre o pensar e fazer de outro modo em contraste com os sentidos sociais hegemônicos, como (1) as reinterpretções de concepções retratadas com maiúsculas e minúsculas: Políticas e políticas (JANKS 2010), Discurso e discurso (GEE 2003), História e história (HELLER; MCELHINNY 2017); (2) a ideia de pedagogia pública (GIROUX 2005); (3) de ubiquidade (KALANTZIS E COPE 2000 E 2009; BRUCE 2009), (4) de (re)construção de sentidos (GEE 2000; KRESS 2003; KALANTZIS E COPE 2019), de (4) remix (NAVAS 2018), dentre outras. E (b) abordará, como alternativa, a prática de expansão interpretativa (MONTE MOR 1999, 2006, 2018) como possibilidade de letramento crítico (LUKE 2004; 2019), descolonialidade (WALSH 2013; WALSH; MIGNOLO 2018; KUMARAVADIVELU 2014; HERNANDEZ-ZAMORA 2010; MIGNOLO 2009; GIROUX 2005), educação linguística e imagética na cultura digital da atualidade (PESSOA ET AL 2018).

2) Mesa-redonda 1: Translinguagem, transculturalidade e educação de línguas

Prof. Dr. Ruberval Maciel (UEMS)

Profa. Dra. Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)

Profa. Dra. Neiva Jung (UEM)

Clampeando o cordão: a maternidade como um espaço multissemiótico de (des)construção de sentidos

Prof. Dr. Ruberval Franco Maciel (UEMS)

Dalmo Barbosa Alves (UEMS)

Em consonância com a proposta do número temático desta revista – o que significa pensar e fazer pesquisa de outro modo, no âmbito dos estudos e do ensino sobre o funcionamento da língua(gem) e dos processos de produção de sentidos? -, buscamos, no presente artigo,

apresentar um diálogo inicial que se traduz em um exercício de deslocamento de olhares de dois pesquisadores, um com formação em Língua Aplicada e outro em Medicina com o propósito de problematizar a interface papel da linguagem com o aspecto de humanização na formação médica. A partir da perspectiva da etnografia (NORRIS e SAWYER, 2012; BREULT, 2016; MORGAN, MARTI e MACIEL, 2019), objetivamos discutir os aspectos de construção de sentidos pautados nos estudos de semiótica social (BEZEMER e KRESS, 2016), de letramento em saúde (RUDD e ANDERSON, 2006) e de Letramentos (LEMKE, 2006, entre outros). Para tanto, revistamos a discussão acerca de construção de sentidos em três cenários - escola, museu e hospital. Para abordarmos as percepções dos pesquisadores, analisamos dois espaços a maternidade com um espaço multissemiótico de construção de sentidos, com ênfase no centro cirúrgico e da sala de parto.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de Sentidos; Multimodalidade; Letramento em Saúde; Etnografia

Translinguagem, transculturalidade e educação de línguas

Profa. Dra. Maria Inêz Probst Lucena (UFSC)

O objetivo principal desta apresentação é discutir aspectos da translinguagem (García, 2009; García & Wei, 2014), no campo de educação de línguas, que contemplam demandas apresentadas pela Língua Aplicada (LA), especialmente pela perspectiva da área compreendida como (In)disciplinar (Moita Lopes, 2006). Busco relacionar a translinguagem com essa perspectiva, cuja base teórica está relacionada com uma proposta “mais voltada para o debate sobre os limites epistêmicos da tradição moderna (ou modernista) da ciência linguística” (Signorini, 2018, p. 667). Questiono em que medida e por que o conceito de translinguagem tem chamado tanto a atenção de pesquisadores do campo aplicado. A discussão será ilustrada com dados provenientes de estudos que fazem parte do nosso Grupo de Pesquisa Educação linguística e pós-colonialidade. Nesse grupo, os estudos, desenvolvidos a partir de etnografias focam, em sua maioria, escolas públicas e buscam discutir práticas de linguagem no mundo do século XXI, tempo e espaço em que pessoas, línguas e textos apresentam um alto grau de mobilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Translinguagem; Transculturalidade; Etnografia

Língua(gem) e aprendizagem: etnografias da linguagem em LA

Adriana Dalla Vecchia (UFRB)

Profa. Dra. Neiva Maria Jung (UEM)

Rafael Petermann (IFPR/PG-UEM)

Nesta comunicação, temos como objetivo trazer para discussão resultados de pesquisas que investigam contextos escolares inseridos em comunidades multilíngues e “monolíngues” no Brasil, a fim de olhar situadamente para a forma como as práticas de linguagem e a aprendizagem constituem e são constituídas nesses contextos. O lugar de encontro desses trabalhos é a concepção de língua(gem) como práticas sociais nas quais a circulação de recursos comunicativos está imbuída de significados da organização social ou das maneiras pelas quais o social, o cultural, o político e o econômico estão intrinsecamente interligados (HELLER; DUCHÊNE, 2016). Os dados analisados nesta apresentação são de dois

contextos de Ensino Médio, o primeiro de práticas letradas escolares de comunidade multilíngue (português, suábio e alemão) e o segundo de ensino médio integrado de um Instituto Federal do interior do Paraná em uma comunidade monolíngue (português). Como resultados, destacamos oportunidades de participação e de aprendizagem resultantes do engajamento e da negociação situada por meio do repertório linguístico dos participantes para dar conta de objetos de aprendizagem. Argumentamos, assim, fazendo coro em certa medida com Guzula, McKinney e Tyler (2016), que estratégias translíngues e multimodais oferecem novas estratégias pedagógicas para a construção de significado que desafiam a orientação monolíngue dominante para a linguagem em muitas salas de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo; Participação; Translinguagem

3) Minicurso

Controle de Sentidos e Expansão Interpretativa: Perspectivas Críticas na Educação Linguística

Profa. Dra. Walkyria Monte Mor (USP)

A palestra propõe discutir as tensões – e ao mesmo tempo, as possibilidades de expansão interpretativa – entre o que se entende por ‘habitus interpretativo’ e ‘controle de sentidos’ e as propostas para o desenvolvimento de construção de sentidos. As teorias dos letramentos críticos reconhecem as mudanças em linguagem e comunicação, colocando em discussão: 1) as tensões e o controle social das interpretações; 2) o conceito de construção de sentidos (*meaning making*) e sua atualidade na visão de leitura como prática social, com base nos estudos de Lemke (2004); Kress (2000, 2010, 2012) e Gee (2003, 2010, 2015). Para tal, reporta-se aos estudos sobre multimodalidade, segundo os quais a linguagem se constrói por novos modos e modalidades, havendo também novas formas de interação. Esta é uma percepção que conduz às revisões nas noções sobre ‘compreensão’ e ‘interpretação’ em suas interfaces com o conceito de ‘construção de sentidos’ nos estudos de linguagem como prática social (KRESS 2005; GEE 1997, 2004; FREEBODY & LUKE, 1997). A construção de sentidos revela ter um potencial de desenvolvimento de agência, uma perspectiva a ser ampliada na formação universitária e escolar voltada para práticas sociais e culturais ativas/críticas (LANKSHEAR & KNOBLE 2003, 2011; COPE & KALANTZIS 2000, 2004, 2012, 2015; GIROUX 2005; MENEZES DE SOUZA 2006, 2010; MONTE MÓR 2006, 2009, 2010, 2013, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Letramento crítico; *Habitus* interpretativ; Construção de sentidos; Agência

4) Mesa-redonda 2: Multilinguismos, Ideologia Linguística e Espaços de Resistência

Prof. Dr. Alexandre Cadilhe (UFJF)

Prof. Dra. Ivani Rodrigues Silva (Unicamp)

Profa. Dra. Kate Kumada (UFABC)

Formação de professores de línguas, decolonialidade e diversidade: narrativização da experiência e mobilização de saberes para uma educação em Direitos Humanos.

Prof. Dr. Alexandre José Cadilhe (UFJF)

O trabalho aqui apresentado discute desafios postos à formação de professores de línguas à luz de uma perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2008, SANTOS, 2010; QUIJANO, 2010, MALDONADO-TORRES, 2019). A partir de narrativas situadas em cenas de práticas formativas – sobretudo PIBID e Estágio Supervisionado no curso de Letras – refletimos sobre os significados de espaços contra hegemônicos nos cursos de formação de professores e sua relevância para tratar de temas suprimidos nos documentos oficiais da educação brasileira, mas muito presentes nas vivências escolares e nos extramuros, tais como a diversidade e suas relações com o racismo, o sexismo e a homofobia. Ao analisarmos eventos na formação de professores de línguas, especificamente, argumentamos pelo estabelecimento de uma epistemologia das práticas que considere as narrativas da vida cotidiana na escola e na universidade como dispositivos que possibilitam o questionamento, a crítica, a transdisciplinaridade, e o olhar para as dinâmicas micropolíticas como modo de intervir na formação docente e na educação escolar de forma sensível à diversidade e situada na educação para os Direitos Humanos (BRASIL, 2007; 2012; 2018).

“Home gesture is not part of deaf culture”: the curtailment of the use of homesign languages in bi/multilingual education

Profa. Dra. Kate Mamhy Oliveira Kumada (UFABC)

Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti (Unicamp)

Profa. Dra. Ivani Rodrigues Silva (Unicamp)

The linguistic status of Libras (Brazilian Sign Language) has already been recognized and, from a socio-anthropological view of Deafness, some studies have distanced the Deaf from the pathological conceptions based on hearing impairment and inserted them in discussions about education in contexts of minorities. However, there is still great resistance to viewing the Deaf as bilingual, especially when they do not have the expected proficiency in the prevailing language of the country or in a conventional sign language. This resistance is enhanced if they communicate through homesign languages. The aim of this article, based on a qualitative research of ethnographic nature, inserted in the field of Applied Linguistics, is to discuss the curtailment of the use of homesign languages in bi/multilingual education of the Deaf in the representations that are part of the discourse of the Deaf individuals' relatives, the hearing professionals and the Deaf and hearing trainees attending a special support program for public school Deaf students. The analysis of the participants' representations indicates that there is a misrepresentation of family communication, homesign languages being described as a restricted linguistic system, harmful to the learning of already established languages (in this case, Portuguese and Libras) and a threat to the inclusion of the Deaf in their different communities or in the different groups they take part in. We believe that these representations are based on a static concept of language that disregard the linguistic and cultural diversity of Deafness, ignore the difficulty in communication between the hearing family members and their Deaf children, as well as

reinforce the marginalization of the Deaf within the school and within the communities/groups they belong to.

KEYWORDS: Homesign languages; Brazilian Sign Language; Bilingual Deaf education; Multilingual scenario

5) Mesa-Redonda 3: Multimodalidade e Ensino Crítico em Letras

Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

Profa. Dra. Simone Batista (UFRJ)

Ceci n'est pas un simple dessin

Simone Tiemi Hashiguti (UFU)

Neste trabalho, reflito sobre o lugar da imagem em materiais didáticos de língua inglesa (LI) como língua estrangeira (LE), sobretudo as que fazem visível o corpo. Parto de uma experiência de produção de animações para um laboratório virtual para aprendizagem de LI e de análises de imagens variadas em livros didáticos (desenhos e fotografias) para discutir: (1) o funcionamento colonial na estética de materiais didáticos e (2) padrões comerciais de corporalidade que naturalizam imaginários de gênero, falantes de línguas e papéis sociais em sistemas econômico-culturais discursivizadas como globais. Questiono a ausência de propostas de trabalhos interpretativos de imagens no ensino de línguas e a consideração desse tipo de materialidade como meramente ilustrativa e submetida à primazia da língua e ao grafocentrismo. Problematizo o silenciamento de questões globais urgentes na sala de aula de línguas. Discuto as dimensões do dizível e do visível e a constituição do horizonte enunciável na LE. Baseio-me em literatura sobre pensamento nômade, novos materialismos, teorias feministas e decolonialidade. Este estudo ocorre no âmbito do projeto de pesquisa intitulado: Língua(gem) e/como acolhimento e no âmbito dos interesses de pesquisa do Grupo de pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem; Colonialidade; Identificação de gênero; Processos de normalização de diferenças; Invisibilidade

Transculturalidade no ensino de língua inglesa:

Metade de um sol amarelo na sala de aula da Licenciatura

Simone Batista da Silva (UFRRJ)

Este artigo relata trabalho pedagógico realizado em turma de licenciatura em Letras – Português/Inglês de uma Universidade pública do Rio de Janeiro com proposta de incluir no currículo culturas anglófonas não-hegemônicas. As bases teóricas foram a Transculturalidade e a complexidade, marcados pelo movimento entre culturas com proposta dialógica. No trabalho desenvolvido, os textos básicos foram o livro “Half of a yellow Sun”, publicado em 2006 pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, e a produção cinematográfica britânico-nigeriana, de 2013, baseada na obra literária original. Dentre os resultados, pude perceber mudança de perspectivas dos alunos quanto às culturas anglófonas de países não hegemônicos, em um movimento de ampliação de sua condição humana, para gerar atitudes revestidas pelo olhar transcultural de entender que estamos complexamente ligados às outras culturas dos diversos povos.

PALAVRAS-CHAVE: Transculturalidade; Culturas não-hegemônicas; Ensino de inglês; Licenciatura em Letras

6) Mesa redonda 4: Políticas Linguísticas e Ensino de Línguas na (A)Diversidade

Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi (UFS)

Profa. Dra. Marcia Paraquett (UFF/UFBA)

Prof. Dr. Sergio Ifa (UFAL)

Competência e performatividade na formação de professores de inglês

Vanderlei José Zacchi (UFS)

Este trabalho busca explorar como professores de inglês do ensino básico em Sergipe estão se relacionando com a diversidade em sala de aula e como estão lidando com o conhecimento prévio trazido pelo aluno, especialmente quanto ao manuseio das novas tecnologias digitais. A análise será feita a partir de dados gerados por meio de questionários e entrevistas. Participaram da pesquisa professores em serviço e graduandos de um curso de Letras-Inglês. Falar em formação de professores é uma tarefa que envolve uma alta dose de incerteza, devido às constantes transformações que estão ocorrendo nos mais variados campos e que afetam a produção e disseminação de conhecimento, a maneira como nos comunicamos e interagimos, as relações socioculturais e a vida social como um todo. É com esse cenário em mente que se pode afirmar que é fundamental uma formação de professores que os prepare para o incerto, o imprevisível e o inesperado. A análise será efetuada com base nos conceitos de competência, performance e performatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade; Tecnologias digitais; Performatividade

Thinking (and doing) otherwise com a língua dos hermanos.

O Espanhol na pesquisa e nas políticas linguísticas do Brasil

Marcia Paraquett (UFBA/CNPQ)

Pensar (e fazer) de outro modo (*Thinking (and doing) otherwise*) foi sempre a opção que tivemos os pesquisadores que nos dedicamos à Língua Espanhola no Brasil. As experiências vividas ao longo de tantos anos explicam os embates travados em prol de políticas linguísticas que defendam a presença da língua majoritária da América Latina nos ambientes escolares e acadêmicos de nosso país. De certa forma, aprendi com os desafios que precisei enfrentar, encontrando minha própria forma de atuar. Para dar atenção à proposta da Mesa, minha intervenção se dividirá em três partes: Espanhol, língua do Norte ou do Sul?, quando discuto a pluralidade da Língua Espanhola, procurando derrubar crenças sobre possíveis variantes hegemônicas; Epistemologias literalmente do Sul, onde falo da base epistemológica que conforma minhas pesquisas (Interculturalidade), dialogando com autores do Sul; [e] O Espanhol também é língua de ‘diferentes’, momento em que apresento os resultados de três pesquisas, onde se vê o suleamento da Língua Espanhola.

PALAVRAS-CHAVE: Espanhol; Interculturalidade; Afro-hispânicos; Suleamento

‘Eu queria ser um gringo bonito e inteligente’: reflexões sobre colonialidade do ser em aulas de língua inglesa

Sergio Ifa (UFAL)

Neste artigo, objetivamos investigar os discursos de estudantes do 1º Ano do Ensino Médio, à luz das noções de colonialidade do ser de Torres (2007) e de racismo epistêmico de Grosfoguel (2007). Para tanto, discorreremos sobre os princípios da teoria decolonial, o contexto e metodologia da pesquisa. A colonialidade do ser pode ser compreendida como a visão que construímos sobre nós mesmos, sobre os outros, a partir das relações de gênero e das sexualidades, constituída por meio dos padrões eurocêntricos, instituídos a partir da colonização e de seus efeitos compreendidos por colonialidades. O racismo epistêmico, por sua vez, pode ser entendido como a negação da capacidade de produção de conhecimento por outros, isto é, pelos povos colonizados. Nesse sentido, pudemos observar discursos que corroboravam a visão do outro como superior a si mesmo e de como esses discursos desvelam visões do senso comum e do discurso neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialidade do ser; Racismo epistêmico; Ensino de língua inglesa

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

Alguns conceitos semióticos relevantes para o ensino-aprendizagem do gênero *história em quadrinhos* na aula de Língua Portuguesa

Peterson José de Oliveira (Doutor em Estudos Linguísticos - UFU)

Este trabalho é realizado no âmbito de uma pesquisa em andamento (*Abordagens teórico-metodológicas da imagem nos livros didáticos de língua portuguesa: muito além da ilustração/ ILEEL-UFU*), no qual tentamos investigar de que modo a imagem é trabalhada nas aulas de língua portuguesa e livros didáticos. O ensino-aprendizagem de gêneros multimodais ganhou ainda mais relevo com as BNCCs. Apesar disso, o uso de tirinhas e histórias em quadrinhos (HQs) nos livros de Língua Portuguesa não sofreu mudanças significativas. Nesse sentido, apresentaremos uma reflexão crítica a respeito dos principais elementos desse gênero e mostraremos como o aporte teórico de elementos específicos da linguagem visual é fundamental para a sua melhor compreensão e produção. Segundo nossas observações, nesses materiais didáticos falta um trabalho sistemático com os elementos visuais dos referidos gêneros, e seu uso na aula de língua portuguesa permanece rudimentar e insuficiente – e isso reflete nas aulas. Nesses materiais, as HQs aparecem frequentemente como ilustração ou pretexto para lições de nomenclatura gramatical ou em questões de interpretação- restringindo-se, quase sempre, ao aspecto verbal. Entendemos que tal abordagem se deve à pouca ou nenhuma formação dos professores/autores de livros didáticos em aspectos da linguagem não-verbal (visual-artística, no caso). Buscando contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem de tais gêneros, apresentaremos alguns conceitos da semiótica úteis leitura/produção das histórias em quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa (e em livros didáticos). Nossas reflexões apoiaram-se em grande medida em autores que trabalham os elementos básicos da semiótica e/ou da linguagem específica das HQs como BARBIERI (2017); DONDIS (2003); EISNER (2015); PIETROFORTE (2007); POSTEMA (2018), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: multimodalidade; linguagem não-verbal; livros didáticos

Poesia e imaginação: expedientes poéticos e práticas discursivas

Fernanda Cristina de Campos (Doutora em Estudos Literário – UFU/EEPJIS)

Esta comunicação pretende analisar o discurso poético calcado no trabalho com a linguagem e a imaginação voltado ao ensino de Literatura, em especial, no que tange a leitura e a produção de texto. A partir de postulados de poetas e de filósofos como Charles Baudelaire, Mário de Andrade, Novalis, Nietzsche, Gaston Bachelard e Vicente Ferreira da Silva, acreditamos na potência criadora da imaginação que transforma o nosso corpo num aparato semântico rumo a uma ordem transcendente de ação, de mudança e de resistência. A imaginação deve ser vista como vetor singular da existência humana e, por isso, precisa ser (re)valorizada em exercícios linguístico-poéticos. Ao tecer, diálogos com os postulados nietzschianos, o filósofo Vicente Ferreira da Silva afirma que a própria noção de sujeito é dada por meio da ação imaginante fundada na linguagem e na interação discursiva. As identidades são forjadas segundo as potências da imaginação criadora em que a própria

noção de ‘sujeito’ e de ‘coisa’ surge das inúmeras deformações moldadas no e pelo imaginar: “as coisas e o próprio sujeito se originam de uma transcendência, de um desenhar prototípico, de uma *facultas imaginandi* que abre o campo original da história e a face do ente em seu conjunto”. Nesse sentido, a imaginação torna-se apresentável por meio da ação da linguagem e, assim, a palavra é tomada em seu estado de energia máxima, capaz de efetivar expedientes poéticos que se abrem em leituras plurais. Desse modo, é preciso retomar projetos que viabilizam uma visão renovada da poesia, desvencilhando o aluno de pedagogias que afrouxam o exercício do pensamento. Para conduzir nossas reflexões, examinaremos experiências realizadas em aulas de Literatura que primam pela experimentação da linguagem poética voltada a potências humanizadoras da inventividade, as quais privilegiaram a autonomia do educando na busca contínua da alteridade por meio da palavra poética.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Imaginação; Sala de aula

Analysis of facial expressions in Brazilian sign language

Emely Pujólli da Silva (Masters in Applied Math - Unicamp)

Kate Mamhy Oliveira Kumada (Ph.D. in Education - UFABC)

Paula Dornhofer Paro Costa (Ph.D. in Electrical Engineering - Unicamp)

The studies on Brazilian Sign Language (Libras) are recent and identify five linguistic parameters: configuration, location, and movement of the hand, palm orientation and nonmanual expressions (composed by facial expressions, head movements and body movements). Due to Libras being a language of minority groups, their research and production of teaching materials do not receive the same incentive to progress or improve as oral languages (SILVA; KUMADA; AMADO, 2018). Despite being essential in Libras, facial expressions have to this date rarely appear in the literature. When is mentioned, their study is usually focused on the syntactic functions, and when the lexical structure is approached, it is restricted to the intensification mode, leaving other aspects almost undocumented. Thus, our objectives are to present and discuss sub-categories of the lexical facial expressions of Libras, with two specific objectives: 1) to analyze these facial expressions from the theoretical frame of psychology (EKMAN; FRIESEN, 1972); 2) Share the methodological procedure used for transcription of facial expressions. This work is based on ongoing doctoral research, ruled by a qualitative approach (DE OLIVEIRA, 2008) and was carried out with eight deaf and hearing participants from Libras, who translated 43 phrases from Portuguese to Libras. In addition to field notes, the records were made in the video and later transcribed with the Eudico Annotator software tool. From the analysis of the preliminary results articulated to the literature review, it was observed the need to classify as subcategories of lexical facial expressions, the expressions of distinction and the homonyms. Also, we investigate the possibility of using the Facial Action Coding system to describe facial expressions of Libras to facilitate the transcription. It is believed that it is necessary to expand the studies on facial expressions, favoring their documentation and the description of their linguistic functions.

KEYWORDS: Nonmanual Expression; Bilingualism; Libras

Espanhol para Turismo: Desafios na Formação de Professores de Espanhol para Fins Específicos

Leandro Silveira de Araujo (Doutor em Linguística - UFU)

O presente trabalho decorre da experiência de construção de um curso de Língua Espanhola com Fins Específicos (LEFE) como atividade da disciplina de estágio supervisionado, da Licenciatura em Letras: Espanhol. Portanto, objetivamos refletir sobre as características e desafios próprios dessa modalidade de ensino de línguas (LEFE) e sobre o processo de formação de professores para o ensino de línguas com propósitos específicos. De modo mais específico, também compõe o escopo deste estudo a análise da contribuição dos gêneros discursivos no ensino de LEFE. A fim de alcançarmos os objetivos, discutimos o que é e como vem se constituindo historicamente o ensino de LEFE no mundo (AGUIRE BELTRÁN, 2008) e, mais especialmente, no Brasil (FREITAS, 2007). Em seguida, a partir do prisma dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2002, 2008; MARCHEZAN, 2009), refletimos sobre como a concepção sociointeracionista de linguagem pode contribuir para a elaboração de um curso de espanhol voltado ao turismo. Por fim, descrevemos a experiência tida por professores em formação com a elaboração de um curso básico de língua espanhola voltado ao turismo, apresentando, entre outros, o material produzido e seu processo de composição. Como resultado final, propomos, entre outros, (i) que o processo de aprendizagem da língua estrangeira com propósito específico se dê sob dois eixos: o da *observação* e o do *experimento* da produção de enunciados correspondentes a situações específicas; (ii) um material didático que considere essas duas etapas a partir do estudo de gêneros discursivos próprios de esferas específicas de atuação. PALAVRAS-CHAVE: Língua Estrangeira; Gêneros do Discurso; Formação de Professores

Percepções imagéticas do corpo: contradições entre o discurso e a prática em academias de ginástica e redes sociais.

Regina Maria Jordão Cardoso de Castro (Doutora – IFG)

Julio Cesar de Lima Ramires (Doutor – UFU)

Este estudo objetivou analisar a supremacia do culto ao corpo na contemporaneidade, como produto de alguns fenômenos socioculturais que influenciam os indivíduos, ditados pela cultura do consumo, disseminados especialmente pela mídia e redes sociais, levando-os a submeterem-se a práticas de atividades físicas nas academias de ginástica em busca de um corpo construído por padrões de beleza e estilos de vida. A subjetividade corporal tem evoluído do corpo “natural” para o corpo “cultural”, evidenciando o papel da imagem e dos signos que tornam mais clara a consciência do corpo como produção discursiva em prol da aceitação social. Apontam-se caminhos para a compreensão e aceitação do corpo no mundo contemporâneo, por meio de determinados pressupostos e, assim, pode-se considerar inicialmente, que o corpo não é uma realidade *a priori* à sua definição, mas constituído pelos discursos e pelas práticas culturais que o delimitam enquanto objeto de saber. É essencial compreendê-lo como um fato cultural constituído por práticas discursivas e não discursivas consolidadas em estilos de vidas que se transformam em critérios imagéticos, fluidos e padronizados que levam os sujeitos muitas vezes à perda da identidade e a deformação do corpo físico. Embora na contemporaneidade o conceito ‘juventude’ tenha se

expandido em qualidade de vida, nunca antes se quis tanto preservar a beleza e a juventude a qualquer custo. O percurso investigativo deu-se pelo método dialético, entrelaçando-o de forma conceitual e reflexiva com a fenomenologia, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas e observação assistemática, tendo como *lócus* da pesquisa academias de ginástica de Goiânia-GO. Após discussão dos resultados, constataram-se contradições entre os discursos e as práticas que permeiam as relações e percepções dos sujeitos envolvidos no processo revelando a obsessão pelo corpo perfeito para visibilidade da imagem construída para as relações nas redes sociais embutidas no discurso da busca pela vida saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade; Beleza; Goiânia-GO

No espectro do outro, imigrante, a imagem de si, brasileiro: funcionamentos paranoicos em cibernotícias

Carla Nunes Vieira Tavares (Doutora em Linguística Aplicada e em Ciências da Linguagem - UFU)

Este trabalho objetiva discutir o funcionamento discursivo de comentários sobre cibernotícias em portais digitais, a fim de problematizar os efeitos da imigração das américas sobre a constituição identitária do brasileiro. O *corpus* desta pesquisa é composto pela sessão de comentários sobre quatro cibernotícias em portal digital abordando a migração de países das américas no Brasil entre 2017-2019 (G1, UOL e Revista Veja) classificados dentre os mais populares no Brasil. A hipótese norteadora dos gestos de análise sobre o *corpus* preconizou que, apesar da matriz de sentidos favoráveis aos imigrantes nas cibernotícias, os comentários sobre o texto jornalístico produzem efeitos de sentido que expõem a frágil constituição identitária brasileira quando confrontada com o Outro, estrangeiro. Os gestos de interpretação do *corpus* foram ancorados nos estudos discursivos de base pecheutiana buscando em alguns conceitos e elaborações da psicanálise freudo-lacaniana subsídios para a proposta desta pesquisa. A análise dos comentários discute a marcação dos lugares discursivos atribuídos a si e ao outro no dizer dos comentadores, indiciando as projeções imaginárias, que tomam contornos paranoicos; e os modos de afetação do brasileiro na relação com o imigrante das américas. Elas foram indiciadas pela referenciação dos imigrantes, com especial foco na designação e pelas formações imaginárias, que marcam posições sujeito representadas e indiciadas por dêiticos. A significação construída pelo entrecruzamento da historicidade e da subjetividade no dizer dos comentários (re)vela a ameaça atribuída aos imigrantes das américas, indiciando uma construção identitária do sujeito brasileiro tomada por traços paranoicos.

PALAVRAS CHAVES: Imigração; Identidade; Subjetividade

Como um jogador lê o videogame? Questões de corporalidade, narratividade, aspectualização e percepção

Mário Sérgio Teodoro da Silva Junior (Mestre em Linguística e Língua Portuguesa - FCLAr/UNESP)

Tomamos videogames como objeto de pesquisa (*Super Mario World*, *Hearthstone*, *The Witcher 3* e *Alien Isolation*), a partir dos desenvolvimentos contemporâneos da semiótica de matriz greimasiana, interessada pelo discurso em uso no seio da vida social, assuntos

tratados, sobretudo, nas proposições de Eric Landowski, acerca da interação como narrativa, e nas de Jacques Fontanille, sobre as práticas (uso social dos textos) e sobre o corpo como instância proprioceptiva da significação. A própria base greimasiana é cara, devido à sua minuciosa sistematização da narratividade do conteúdo dos objetos de sentido. Nosso objetivo é compreender como o corpo do jogador é engendrado na significação do ato de jogar. Realizamos a análise do usuário prototípico de videogames, desse sujeito visado pelo discurso, que aponta para um jogador prático. Elencamos suas dimensões ética e agentiva, enfatizando suas competências pragmática, cognitiva e estética; esta responsável pela capacidade sensível e perceptiva. Então, reconstruímos um andamento da narrativa tanto do jogo audiovisual quanto do ato interpretativo, interativo e operatório que o move, que revela a sintaxe do uso. Ela passa da instrução da ação ao seu descontrole, quando o jogador falha na sincronização dos movimentos do *joystick* aos acontecimentos audiovisuais. Esse lapso operatório convoca uma adaptação sensível àquilo que assusta, desconcerta, engana ou confunde o usuário. O fluxo do racional ao sensível parte da regra à exceção e retorna à previsibilidade, agora conquistada pelo jogador. Desse sujeito, avalia-se uma (des)habilidade relativa, pois trata-se de um descontrole previsto na estrutura textual, e lhe atribui a figura do vencedor ou do perdedor, localizada socialmente na cultura. Nosso interesse nessa comunicação, em especial, é estabelecer o diálogo com linhas com as quais partilhamos interesse comum, propiciando assim interdisciplinaridade e cooperação entre as áreas científicas que tratam das novas mídias e sua circulação, seu uso e seu impacto social.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Interatividade; Sensorialidade

Construção de sentidos sobre a beleza no Instagram: a discursivização do corpo da mulher

Tainá Terence Silva (Mestranda - UFU)

Pensar sobre a relação entre a imagem e palavra é também perpassar pelas mídias sociais digitais e seus desdobramentos, pois com o surgimento e aperfeiçoamento da Web 2.0, as relações sociais estão e são fortemente mediadas por essas redes, criando um espaço para que construções de sentidos e as representações sejam possíveis. Tendo isso em mente, este trabalho parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento que tem como pergunta de pesquisa: “Como se constitui o discurso sobre a beleza para/sobre a mulher em postagens no *Instagram* das principais influenciadoras digitais (ID) de Moda e Beleza do Brasil?”. Seu objetivo principal é analisar as postagens dessas ID (enunciados) observando regularidades discursivas que constroem certo discurso sobre a beleza e que, não raro, recaem na construção de um sujeito-mulher-seguidora. Para tanto, toma como linha teórica-metodológica a Análise do Discurso francesa (AD) com recorrências basilares aos estudos do filósofo Michel Foucault, a fim de compreender como os sentidos sobre o ser mulher, sobre seu corpo, propagados por meio dessas postagens nessa mídia social são operacionalizados e constroem um discurso sobre a beleza da mulher. O *corpus* é constituído pelas primeiras 18 postagens dentre as 60 que constituem a pesquisa, a fim de observar a potencialidade da imagem na construção do sentido sobre o corpo da mulher brasileira, que não raro recai sobre um corpo discursivizado entendido a partir da beleza de

consumo. As conclusões preliminares mostram que a posição-sujeito exercida pelas ID no momento da enunciação as autorizam a divulgar esse corpo. Além disso, são as posições influenciadora conselheira e/ou influenciadora profissional de beleza que as permitem construir (com os sujeitos) determinadas verdades sobre a mulher bela.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso francesa; Influenciadoras Digitais; Beleza

As políticas de gênero e sexualidade no *blues* feminino da era clássica (1920-1930)

Renata Gonçalves (Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura - UFSJ)

Este trabalho tem como objeto abordar o estudo realizado por Angela Davis, em *Blues Legacies and Black Feminism* (1998), sobre as contribuições do *blues* feminino da era clássica, para as políticas de gênero e sexualidade da mulher negra da classe trabalhadora, do início do século XX, nos EUA. No legado das ideias estéticas de Herbert Marcuse (1972) sobre o potencial político da arte que reside na necessidade de denunciar a realidade estabelecida e de propor uma nova experiência de transformação radical dos valores da cultura dominante como caminho para libertação nos domínios econômico e político. Davis ao analisar as canções de Gertrude Ma Rainey e Bessie Smith identifica em grande parte de suas letras a temática sobre o amor sexual articulada a experiência coletiva de liberdade. O amor não era representado como algo idealizado, o amor romântico de implicações ideológicas da cultura patriarcal branca e de classe média que propagava os valores do casamento e da domesticidade da mulher. O amor sexual das canções de *blues* estava ligado diretamente com às possibilidades de liberdade nos domínios econômico e político. As canções do *blues* feminino evocavam a consciência das mulheres de que a felicidade não poderia ser encontrada no casamento, muito menos na realização das atividades domésticas, que a violência contra a mulher devia ser expressa publicamente e a bissexualidade reconhecida. As mulheres do *blues* criaram uma comunidade estética de resistência com sua música encorajando e nutrindo uma comunidade de luta política por liberdade. O *blues* feminino configura-se como espaço no qual as mulheres negras da classe trabalhadora passam a ter voz, a ouvirem umas outras, a resistir as opressões e a ver o mundo de uma forma diferente para mudá-lo (COLLINS, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo negro; Estética; Resistência

Análise Discursiva Crítica de uma história em quadrinhos: Maria da Penha vai às escolas

Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi (Doutoranda - UFU/SEDF)

Layne Campos Soares (Doutoranda - UFU/UNIARAXÁ)

Maria Aparecida Resende Ottoni (Doutora - UFU)

No contexto atual, vemos, a todo tempo, textos que circulam na mídia com relatos de situações de violência contra a mulher. Trata-se, sob o nosso ponto de vista, de um grande problema social com uma faceta discursiva, que deve ser foco de diferentes pesquisas que levem em conta a relação dialética entre discurso e sociedade. Assim, nesta comunicação, apresentamos os resultados da análise de um exemplar de história em quadrinhos (HQ), intitulado *As Maria em: Maria da Penha vai às escolas!* que foi produzido para a promoção

de discussões sobre o tema nas escolas. Nosso objetivo é investigar como a lei Maria da Penha e a mulher são representadas discursivamente na HQ, quais os discursos e as vozes nela articulados, como são articulados e os efeitos disso. Para isso, apoiamos-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), a qual concebe a linguagem e a sociedade como indissociáveis e dialeticamente relacionadas. Desse modo, todo problema social é considerado parcialmente discursivo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003). No estudo, identificamos o problema, analisamos a conjuntura, a prática em particular, as ordens do discurso e os discursos articulados. Analisamos, também, os diferentes recursos semióticos que constituem a HQ. Acreditamos que a análise feita pode contribuir para uma reflexão acerca do problema social apontado. Além disso, faz-nos pensar, na posição de analistas do discurso, o quanto algumas questões escapam das nossas mãos, pois reconhecemos nossas limitações no que se refere à busca de soluções para tantas mazelas sociais. No entanto, se conseguirmos contribuir, ainda que em menor medida, para que determinadas práticas sejam problematizadas e transformadas, acreditamos que teremos alcançado nosso objetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher; Linguagem; Sociedade; Análise de Discurso Crítica

Práticas de descolonização dos corpos femininos: micropolíticas da arte e da vida

Aline Pinheiro Salmin (Mestranda - UFU)

Juliana Soares Bom-Tempo (Doutora - UFU)

O projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC/UFU), orientado pela Prof.^a Dr.^a Juliana Soares Bom-Tempo tem como proposta cartografar quais possíveis práticas colaboram com uma implicação vinculada à descolonização dos corpos femininos. Os estudos se desdobram a partir de experimentações artísticas e de vida realizadas por mulheres da cena contemporânea, considerando suas heterogêneses e tendo como mote a questão: o que tais corpos podem e como desejam construir certo estar no mundo? De que maneira, em instâncias micropolíticas, as experimentações artísticas e de vida realizadas por mulheres são capazes de construir processos de subjetividade que diferem e subvertem as noções já dadas sobre como opera um ser mulher no mundo? Que práticas são essas e de que maneira elas se dão? Como mulheres artistas, com trabalhos circunscritos nas artes da cena pensam e propõem ações que descolonizam e deslocam os corpos de um estado atrelado a captura dos desejos pelo capitalismo? A pesquisa se debruça sobre práticas micropolíticas de resistência e descolonização dos corpos femininos, práticas essas que se tornam capazes de subverter as noções de gênero e torcer as concepções deterministas sobre o que é ou não o ser mulher. Assim, o caminho da pesquisa percorre tanto aspectos conceituais e analíticos de tais proposições, atravessado por entrevistas realizadas com artistas das artes do corpo, quanto o desenvolvimento de processo artístico próprio. Os estudos conceituais e as reflexões teóricas levantadas pelos autores do escopo bibliográfico serão perpassados por laboratórios constantes de experimentação e construção de um trabalho cênico, na tentativa de não dicotomia entre teoria e prática.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Subjetividade; Mulheres

Escrever (r)existências:

Giulia Mendes Gambassi (Doutoranda em Linguística Aplicada - IEL/Unicamp)

Resumo: Em nossa dissertação de mestrado, defendida em 2018, analisamos dizeres de três mulheres que passaram por prisão na adolescência, buscando observar se em suas narrativas de si, nas formas como nos contaram suas vidas, eram (re)produzidos dizeres do senso comum sobre essa população. Para esta comunicação, trazemos um trecho de um dos eixos de análise encontrados em nossa pesquisa, que se volta para o fato de as três participantes terem apontado ora a educação, ora a escrita como pontos relevantes em suas vidas, tanto como instrumento de libertação quanto como (mais uma) esfera de apagamento social. Produzimos o corpus por meio de entrevistas semiestruturadas, registradas em áudio, que foram transcritas e depois analisadas a partir da perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007, 2010, entre outros). Assim, pudemos fazer algumas reflexões sobre o que significa socioeducação para essas mulheres, além de termos observado momentos em que a escrita e a educação se configuravam como atos de resistência, principalmente considerando os meios educativos aos quais elas tiveram acesso. Notou-se, ainda, a educação e a escola como pontos de partida para falarem de si, sendo isso apresentado com destaque pelas participantes, em contraposição ao fato de terem sido internas em instituições de socioeducação. Além disso, não podemos desconsiderar que em alguns momentos elas tenham (re)produzido a lógica que corrobora a manutenção da marginalidade, afinal, desejar um saber formalizado e, infelizmente, no Brasil, elitizado, é responder ao desejo do Outro que instaura um determinado tipo de saber como fonte de prosperidade, que o coloca como inatingível para aqueles que não têm como adquiri-lo financeiramente.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Prisão; Educação

A interferências da língua materna e o corpo como materialidade que permeiam o ensino-aprendizagem de língua inglesa

Eliana de Sousa Andrade Ladeira (Mestranda – UFU)

Várias são as interferências e obstáculos que precisam ser vencidos ao aprender a língua inglesa (LI). A interferência da língua materna (LM) pode influenciar na aprendizagem de LI, pois o aprendiz tenta estabelecer relações entre as duas línguas no momento da aprendizagem. Essa interferência pode acarretar em erros que estão relacionados com aos aspectos fonológicos (na pronúncia), semânticos (no significado) e morfossintáticos (na produção escrita) da língua inglesa por parte dos aprendizes. Essas são questões inevitáveis que incidem no processo de ensino-aprendizagem, tornando o ambiente de aprendizagem muitas vezes enfadonho e cansativo. A nova língua - LI - vem suscitar no aprendiz sensações, sentimentos e movimentos com o corpo nunca antes experimentados e para compreender o processo de ensino-aprendizagem de LI precisamos refletir não só sobre essa interferência como também sobre a importância do corpo, como ele está revestido materialmente de linguagem. O corpo, como material de linguagem, social e simbólico, que produz sentidos e é significado em processos complexos de memória que dizem respeito à subjetividade, à história, à sua espacialização (HASHIGUTI, 2008). O primeiro contato

com uma língua estrangeira pode gerar nos alunos alegria ou tristeza, dois tipos de afetos que podem aumentar ou diminuir a potência de agir. Os afetos estão presentes em qualquer relação humana de um determinado tempo e cultura, portanto, eles devem ser pensados e incorporados no processo de ensino-aprendizagem. Pela filosofia de Deleuze, o afeto faz parte da ordem do sensível, que envolve as relações (relações com o outro). O objetivo desse trabalho é encontrar possíveis respostas para essas questões que permeiam o ensino-aprendizagem de LI e também explicar como o afeto é um elemento-chave importante para esse processo. Jordão (2006) testifica que, ao ensinar línguas estrangeiras, os professores e seus alunos adentram as salas de aula munidos de uma ou várias séries de pressupostos sobre o que seja uma língua, sobre o processo de ensino/aprendizagem daquela língua, sobre seu capital cultural no contexto social em que se insere. As reflexões feitas nesse trabalho sobre o corpo, a interferência da LM e os afetos tem como constructo teórico-analítico a Análise do Discurso (AD) e a Linguística Aplicada (LA). Enseja-se que as respostas encontradas possam preencher algumas lacunas existentes e também alçar novas discussões sobre esses temas que inquietam muitos professores em relação à sua prática pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Obstáculos; Afetos; Aprendiz

Pós-memória, identidade docente e cultura de sala de aula no Brasil pós-colonial

Érika Amâncio Caetano (Doutora - FALE/UFMG)

A proposta de apresentação é fruto de um projeto atualmente em andamento, que tem como objetivo analisar a relação entre pós-memória, formação das identidades dos professores de língua inglesa (LI) e da cultura de sala de aula em aulas de LI no Brasil atual – em outras palavras, analisar as origens do *status quo* em aulas de LI – para, em seguida, apresentar os estudos decoloniais como estratégia de resistência a esse processo. Trabalhos recentes, como os de Jucá (2017) e Monte-Mór (2013), apontam para a herança deixada por marcos históricos na educação – mais especificamente na formação de professores de língua inglesa. Enquanto Jucá (2017) nos remete às “histórias que nos habitam”, ou o escopo do legado sócio-histórico da colonização nas práticas pedagógicas da atualidade, Monte-Mór (2013) menciona que os educadores brasileiros carregam em sua identidade profissional traços de nossos três momentos históricos cruciais – jesuítico, colonial e autoritário –, que influenciaram, segundo a autora, a formação desses profissionais e acabaram por afetar o cenário educacional como um todo. Dessa forma, a fim de analisar mais profundamente essa relação entre pós-memória e formação de professores e alunos de língua inglesa em solo brasileiro, pretendo estabelecer uma análise comparativa entre a literatura já existente e narrativas de professores em formação em quatro universidades mineiras – UFVJM, UFSJ, UFOP e UFMG. A apresentação, portanto, abarcará a estrutura do projeto, que se estende a Ouro Preto, Diamantina e São João Del Rei e conta com quatro professores colaboradores, sua situação atual e os resultados esperados com essa pesquisa. Espera-se que o presente estudo possa enriquecer as discussões envolvendo a formação de professores de línguas sob o ponto de vista do legado colonial dentro da educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização; Língua Inglesa; *Status Quo*

Redefinindo *translanguaging* no Centro-Oeste com base na vivência transcultural na escola pública

Nara Hiroko Takaki (Doutora - UFMS)

Neste trabalho apresento uma experiência transcultural pela outridade e pela decolonialidade de poder (DUSSEL, 2012, GROSFUGUEL, 2018, MIGNOLO, 2018, QUIJANO, 2018, SOUSA SANTOS; MENESES, 2009) em ambiente escolar público. É fruto de um projeto em que docentes ocupam espaços do ensino fundamental e desaprendem suas ontologias-epistemologias-metodologias (do Norte global) para se engajarem em outro processo. Assumindo a caracterização teórica da *translanguaging* (GARCÍA. WEI, 2012) e/ou de práticas *translúngues* (CANAGARAJAH, 2013) e transculturalidades (PENNYCOOK, 2007), este empreendimento repensa as relações de poder e de reconstrução de conhecimento em direção à decolonialidade. Nesse projeto, a decolonialidade se vale de (auto)crítica, espírito etnográfico, criatividade e ética que transpassam o trabalho colaborativo. Essa arquitetura e o respaldo teórico compõem uma *assemblage* ou *attunement* que trazem à tona possibilidades de pesquisa e ensino-aprendizagem como práticas de convivências com as tensões. O objetivo aqui não é problematizar propostas *translúngues* e ressignificá-las relacional e localmente (APPADURAI, 1997) dentro da espacialidade do ensino fundamental. O ponto de partida é a heterogeneidade da linguagem na visão Bakhtiniana e o letramento como prática social (STREET, 1984) acionando temáticas e repertórios que levam os alunos do fundamental a olhar para si e para o outro, para o familiar e o estranho e discutir temas transculturais e recriar trabalhos performativos. Prevalece o cultivo da escuta e a mudança no papel dos participantes (alunos, docentes, professora da escola, técnica de laboratório de informática, diretora da escola na qual o projeto ocorreu), que passam a ser *codesigners* de programas e atividades semanais seguindo a metodologia qualitativa, interpretativa e contingencial. A conclusão do projeto traz como resultado a noção de que as práticas *translúngues* precisam ser realocadas com debates sobre diferenças e o enfoque nos letramentos críticos podem preparar os agentes para embates contínuos.

PALAVRAS-CHAVE: Outra Formação de Professor; Práticas Linguísticas Subversivas; Educação Básica.

Ser professora sendo mãe: língua coreana em famílias transnacionais residentes no Brasil

Tatiana Martins Gabas (Doutoranda - PPG-LA/Unicamp)

Fluxos migratórios sul-coreanos recentes vêm sendo tematizados em diversos estudos (CHO; SHIN, 2008; PARK; BAE, 2009; PARK; LO, 2012; SONG, 2010; SHIN, 2015 entre outros) que apontam o papel da língua e de ideologias neoliberais para o deslocamento de famílias sul-coreanas. Com o intuito de compreender as implicações de políticas e ideologias linguísticas para a continuidade da língua coreana em famílias transnacionais, analiso representações de três mães pertencentes a uma comunidade sul-coreana no interior de São Paulo acerca das línguas do repertório dos filhos – coreano, inglês e português- , sobretudo acerca (a) do modo como avaliam as práticas linguísticas em coreano de seus filhos (b) das estratégias adotadas para o fortalecimento e ensino da

língua coreana no ambiente doméstico. As reflexões, a partir da perspectiva da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), apontam para o fato de que as decisões e estratégias adotadas por mães acerca do fortalecimento da língua coreana podem ser entendidas enquanto estratégias de engajamento à identidade e educação neoliberal. Nesse sentido, busco, com a discussão, não só compreender alguns efeitos da mobilidade para língua coreana, como reforçar a importância de aspectos identitários como componentes relevantes em trabalhos no campo da política linguística familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Política Linguística Familiar; Identidade; Língua Coreana

A questão da inteligibilidade entre humano e máquina na aprendizagem de LI como LE

Simone Tiemi Hashiguti (Doutora – UFU)

Rogério de Castro Ângelo (Mestrando – UFU/IFTM)

Rodrigo de Castro Ângelo (Graduado – UFU)

Neste trabalho, discutimos a inteligibilidade (1) na e pela materialidade linguística e (2) na materialidade visual e artística, conforme disponibilizadas e agenciadas por humanos e máquina no ELLA - Laboratório Virtual para Aprendizagem de Língua Inglesa. Partimos das críticas decoloniais e feministas com relação a padrões ou àquilo que Judith Butler chama de esquemas normativos de inteligibilidade sobre o que pode ser dito, ouvido e visto na sala de aula de línguas de tradição moderna. Primeiramente, descrevemos como o laboratório lida com a captação, análise e retorno de voz da e para a comunidade humana usuária. Depois, descrevemos as regras de programação que entendemos ser o ponto de resistência à colonialidade tradicionalmente estabelecida. Discutimos, pois, a construção de um espaço outro que não está pautado num padrão de fala que idealiza um “falante nativo”, contrapondo-nos a um modelo de ensino de língua inglesa que acaba por impor modelos de pronúncia artificiais e que apresenta a língua numa relação assimétrica, naturalizando exclusões em relação aos aprendizes “do sul”. A proposta para o laboratório é pensar a língua como acolhimento, dessa forma, no treinamento do sistema de reconhecimento de fala, por exemplo, são utilizadas sequências sonoras coletadas da utilização do laboratório pelos próprios aprendizes, para que variações no sotaque não sejam reconhecidas como erro. Em relação às materialidades visual e artística, o laboratório abre espaço para que os usuários/aprendizes tanto solicitem mídias (imagens ou vídeos) sobre assuntos diversos, que são resgatadas de uma base própria e apresentadas aos alunos/aprendizes, quanto enviam mídias como uma forma de interação com a Inteligência Artificial (IA). O desenvolvimento desse laboratório, em termos tecnológicos e pedagógicos, contemplando variedades diferentes de fala e a multimodalidade na linguagem é uma forma de pensar e fazer o ensino de língua de outro modo que não o da tradição ocidental, eurocêntrica.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade; Inteligibilidade; Inteligência Artificial

Letramentos em L2: a posse da palavra

Fernanda Caricari (Doutora - INES)

Valéria Campos Muniz (Doutora - INES)

Neste trabalho, refletimos sobre as práticas e eventos de letramentos de graduandos surdos em um curso superior de uma instituição federal de ensino no Rio de Janeiro. Em tempos de globalização, é fundamental preparar os alunos para participarem de forma independente e crítica em contextos que ultrapassem os muros da escola. A educação, muito mais do que formar tem o dever de transformar (WENGER, 1998). Assim, diante dos desafios no ensino de língua portuguesa escrita para alunos surdos, buscamos desenvolver uma práxis pedagógica em que a língua fosse trabalhada dentro do ambiente situacional e cultural, por meio de fatores que dão forma a uma determinada situação de comunicação definida por três variáveis: *campo* ou ação social, se refere à natureza da atividade social envolvida, *relações* ou estrutura de papéis, estabelece a natureza da conexão entre os participantes da interação e o *modo* que especifica o papel da linguagem (HALLIDAY, 1994 & HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, 2014). A atividade baseada em Alberigi (2019) teve como objetivo suscitar a capacidade enunciativa e criativa na elaboração de uma campanha social, estimulando o aluno a assumir uma postura crítica e pessoal. Para tanto, foram utilizados os letramentos críticos (STREET 2003, 2014), articulados ao ensino da língua portuguesa como segunda língua, numa perspectiva baseada no conceito de tarefa (ELLIS, 2013) que promove a aprendizagem significativa por meio de práticas sociais concretas, estimulando o uso real da língua alvo. O trabalho desenvolvido baseou-se na pesquisa qualitativa, no âmbito da pesquisa-ação (BARBIER, 1997), por meio da qual analisou-se a processo de produção da campanha social, os textos produzidos (escrito e sinalizado) e o engajamento dos aprendizes para se apropriar de estruturas argumentativas na L2, com o propósito de influenciar e convencer o público das mídias sociais (twitter e facebook).

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Ensino de LP como L2 para Surdos

Análise das produções escritas de alunos surdos aprendizes de Língua Portuguesa como Segunda Língua com suporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional

Fernanda Beatriz Caricari de Moraes (Doutora - INES)

Este trabalho apresenta uma proposta de análise de cartas argumentativas escritas por alunos surdos do curso Pedagogia online do INES/MEC-RJ, procurando descrever seus estágios e suas escolhas léxico-gramaticais com o suporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1985, 1994), Halliday & Matthiessen (2004, 2014). Na literatura, há estudos sobre cartas (LIMA-LOPES, 2001 E BORTOLUZZI, 2008), porém não foram encontradas pesquisas que analisam cartas escritas por aprendizes surdos que têm a Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2). A experiência como professora autora e formadora da disciplina LP como L2 I no referido curso, nos contextos presencial e online, justificam o interesse e a relevância do estudo das produções escritas, visando aprimorar o material didático, bem como a formação dos tutores que mediam os processos de ensino-aprendizagem. Este projeto relaciona o conceito de translinguagem (CANAGARAJAH, 2013) à aprendizagem da escrita da LP por alunos surdos. Acredita-se que ao analisar essas produções escritas, pode-se ter um diagnóstico poderoso da escrita dos alunos, sabendo onde o trabalho pode ser direcionado,

reelaborando os materiais e fornecendo input adequado, tendo, assim, mais recursos para intervir de forma positiva na aprendizagem da LP. As cartas argumentativas serão coletadas da plataforma AVA, compondo dois corpora de 40 cartas cada: o primeiro formado pela primeira versão do texto e o segundo com a refeitura, após as intervenções dos tutores. As cartas serão analisadas qualitativamente para, em um primeiro momento, verificar como os alunos elaboram e reelaboram suas cartas, checando manualmente as etapas obrigatórias desse gênero, seguindo a proposta de Martín (1992, 1997, 2012) e Martín & Rose (2008, p. 54). As etapas serão comparadas nas duas versões feitas pelos alunos, observando se há acréscimo ou remoção de etapas. Em um segundo momento, será analisado como os aprendizes surdos constroem e organizam, dentro das etapas, a mensagem, com o suporte da metafunção textual, observando como ocorre a organização dos recursos gramaticais no texto com o auxílio de ferramentas computacionais. Acredita-se que a análise da estrutura temática poderá lançar considerações importantes sobre a translanguagem desses aprendizes. Dessa forma, a análise, baseada na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que vê a linguagem como um recurso usado pelos seres humanos para criar significados, servirá de suporte teórico-metodológico, permitindo estudar as maneiras pelas quais esses aprendizes utilizam a linguagem para atingir os propósitos do gênero a ser estudado. Espera-se que este estudo contribua para descrição do uso da LP por aprendizes surdos, fornecendo subsídios para a elaboração e aprimoramento de materiais didáticos que tenham como foco o ensino da língua escrita.

Representações do ensino de língua portuguesa ao aluno surdo brasileiro no contexto de escolas bilíngues

Juliana Pellegrinelli Barbosa Costa (Doutoranda - Unicamp)

Ivani Rodrigues Silva (Doutora - Unicamp)

Kate Mamhy Oliveira Kumada (Doutora - UFABC)

O surdo, na educação brasileira aprende através da mediação de uma língua viso-gestual, a Língua Brasileira de Sinais e uma língua oral e escrita, o português. A partir dessas particularidades linguísticas, seu ensino é um desafio educacional. O estudo tem como tema a reflexão sobre as possibilidades de ensino de português como segunda língua aos alunos surdos. O estudo é qualitativo, de cunho etnográfico (ERICKSON, 1984, 1989) e busca conviver em duas escolas bilíngues para surdos da rede pública de ensino, em duas cidades do Estado de São Paulo. A educação bilíngue é comumente tomada como a que possibilitaria ao surdo maior sucesso escolar, no entanto pouco se sabe sobre as práticas de ensino ali existentes. A pesquisa é norteada pelas questões: Como tem ocorrido o ensino de português para surdos? Qual a diferença das estratégias, materiais presentes no ensino de português ofertado pelas escolas bilíngues em questão? O corpus de pesquisa é baseado em observação participante realizada nas escolas e mais especificamente em sextos anos do Ensino Fundamental II, em ambas escolas, resultando em entrevistas em áudio e vídeo, registro de atividades de sala de aula, notas e diário de campo. As orientações teóricas do trabalho são baseadas na concepção socioantropológica da surdez (SKLIAR, 1998), nos estudos sobre multilinguismo (CESAR e CAVALCANTI, 2007), letramento (STREET, 2014; BARTON, 1994), se alinha à filiação teórica da Linguística Aplicada (MOITA

LOPES, 2006), sobretudo aos estudos sobre minorias linguísticas (CAVALCANTI, 1999). As conclusões preliminares, baseadas nas primeiras análises, apontam para algumas consequências, como por exemplo, da falta de material didático em sala de aula: na escola 1, o ensino de português é feito por meio da busca por conhecimento de mundo com acontecimentos da atualidade; e na escola 2, do uso de escrita de sinais e as incertezas advindas dessa prática.

PALAVRAS-CHAVE: Português; escola bilíngue; letramento

Educação Bilíngue para surdos: multilinguismo, repertórios comunicativos e identidades surdas

Ivani Rodrigues Silva (Doutora - Unicamp)

Nesta comunicação temos como objetivo fazer uma discussão sobre a proposta de educação bilíngue para surdos no Brasil, uma vez que há ainda muitos desafios a serem vencidos no que se refere ao uso das línguas na escola e ao ensino de português como L2. Com o intuito de refletir sobre alguns desses desafios, partimos do pressuposto de que contextos definidos como bilíngues são na verdade, sempre multilíngues, uma vez que “uma língua” traz, no seu interior, muitas outras (CÉSAR & CAVALCANTI, 2007). Observa-se, no entanto, uma tendência de simplificação no modo como os complexos repertórios comunicativos (RYMES, 2014) de alunos surdos são percebidos em muitos ambientes escolares brasileiros e mais especificamente nas práticas de ensino de português para surdos. Por essas razões, pretende-se nesta discussão apontar a existência de línguas que ficam fora do espectro Libras/Português, em geral denominadas “línguas de sinais caseiras” e suas implicações para ensino (Silva, 2008). Nesse viés, pretende-se articular estudos no sentido de viabilizar debates e encaminhamentos potencialmente capazes de desestabilizar discursos hegemônicos em relação ao surdo e suas línguas e fomentar discussões em relação ao ensino de surdos, formação de professores de/para surdos, mostrando a realidade do ensino para surdos e suas consequências para sua formação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Bilíngue; Línguas de Sinais Caseiras; Libras/Língua Portuguesa; formação docente; surdo, trânsito de línguas

Aprendendo inglês ‘like’ otherwise: discursividades sobre o coaching de idiomas

Cristiane Carvalho de Paula Brito (Doutora - UFU)

Maria de Fátima Fonseca Guilherme (Doutora - UFU)

Definida por alguns como metodologia ou conjunto de competências a serem desenvolvidas no intuito de se alcançarem objetivos pessoais ou profissionais, o *coaching* tem ganhado visibilidade cada vez maior. Neste trabalho, visamos investigar representações discursivas de ensino-aprendizagem de inglês de *coaches* de idiomas. Com base nos estudos em Linguística Aplicada trans/indisciplinar e em teorias discursivas de linguagem, as quais refutam a transparência do dizer e postulam o caráter sócio-histórico, ideológico e dialógico dos atos enunciativos, buscamos compreender em que medida discursividades sobre o *coaching* de idiomas podem instaurar dizeres e práticas que, por sua vez, podem incidir na relação dos sujeitos com as línguas que ensinam-aprendem. Para isso, tomamos como

corpus deste estudo vídeos no *Youtube*, nos quais os *coaches* enunciam sobre a profissão e o ensino-aprendizagem de inglês. Em nosso gesto de interpretação, buscamos regularidades enunciativas em torno deste acontecimento discursivo que apontam para a mobilização de uma memória discursiva, na qual os sujeitos se filiam para enunciar. Dentre algumas representações presentes nos dizeres, elencamos algumas representações que se interpenetram e se entrecruzam, a saber: *não se aprende inglês por métodos formais; aprende-se inglês evitando a língua materna; aprende-se inglês acreditando no próprio potencial, aprende-se inglês estabelecendo metas*. Nossas análises apontam para o funcionamento de uma interdiscursividade neoliberalista que se atualiza na suposta novidade trazida pela profissão e que reforça o imaginário de ensino-aprendizagem de uma língua outra como processo natural e espontâneo, passível de controle e domínio e, conseqüentemente, isento de quaisquer conflitos e tensões inerentes ao sujeito de linguagem. Entendemos ser necessária a problematização dessas discursividades, sobretudo nos cursos de formação de professores, haja vista o efeito de homogeneização que produzem acerca da língua e dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem de inglês; Inovação; Representações Discursivas

Que identidade tenho quando falo inglês?

A assunção do não nativo e a descentralização do nativo de língua inglesa

Flávius Almeida dos Anjos (Doutor - UFRB)

Esta comunicação tem por objetivo argumentar sobre identidades e atitudes de professores e aprendizes de língua inglesa. Coloca em pauta a descentralização do falante nativo de língua inglesa. A figura do falante nativo tem sido “vendida” como o modelo ideal, especialmente as versões hegemônicas norte Americana e a Britânica, que devem ser seguidas, imitadas, sob pena de não se falar bem o inglês. Desse modo, ecoa em muitos contextos a noção de que é preciso falar como um nativo, incluindo em suas práticas pedagógicas sentenças do tipo “*I’ll speak English just like an american*”. Há nessa empreitada uma ideologia macabra, que ao nortear os programas de ensino da língua inglesa, traz conseqüências que fazem os alunos se sentirem diminuídos em suas autoestimas, convergindo para o desenvolvimento de um sério complexo de inferioridade, ao serem confrontados com a figura mítica do falante nativo (RAJAGOPALAN, 2003). Assim, as conseqüências que advêm da adoção dessa abordagem se materializam em uma espécie de barreira psicológica, que dificulta a aprendizagem, tais como medo de errar, sentimento de inadequação e inferioridade. Desse modo, este trabalho chama atenção para o fato de que embora muitas instituições, ainda hoje, propaguem a figura do falante nativo como meio para atrair alunos, mal sabem sobre as conseqüências desse *marketing* em sala de aula e desconsideram, sobretudo, o *status* que a língua inglesa alcança nesse momento e as implicações que advêm disso. Alinha-se com as noções epistemológicas pós-coloniais e evidencia atitudes acrílicas que constroem aprendizes de uma LE, como a antiquada ideia de que precisamos imitar os falantes nativos. Tais atitudes trazem conseqüências bastantes negativas como o sentimento de inferioridade, baixa autoestima e até o abandono do processo de aprendizagem. Para corroborar esse argumento, serão apresentados alguns

dados da pesquisa etnográfica que conduzi com 91 estudantes da graduação, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, os quais versam sobre essas questões. Nesse sentido, este trabalho, elabora argumentos à luz da Linguística Aplicada, para esclarecer e conscientizar professores e aprendizes de língua inglesa sobre questões identitárias e ideológicas, afim de que possam livrar-se das amarras das culturas hegemônicas. A relevância desse trabalho está no fato de também trazer argumentos sobre a dificuldade e discriminação dos não nativos e os privilégios dos nativos ao usarem a língua inglesa. Para tanto, ancora-se em autores como Kumaradivelu (2005), Rajagopalan (2003), Moita Lopes (1996), Hall (1992), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa; Identidades; Atitudes

Formação crítica de professores: a pós-memória como estratégia de resistência

Andréa Machado de Almeida Mattos (Doutora - UFMG)

Mariana Coura (Graduanda - UFMG)

Num artigo recente, Mattos e Caetano (2018) trouxeram para o campo da formação de professores de línguas, o conceito de pós-memória. O termo foi criado por Marianne Hirsch (1997), para quem pós-memória se refere à “experiência daqueles que crescem e vivem dominados pelas narrativas que precederam o seu nascimento” (p. 22). A autora, descendente de ucranianos e radicada nos Estados Unidos, discute o conceito em relação às memórias do holocausto. No contexto brasileiro, o conceito pode proporcionar discussões sobre a Ditadura Militar e, por meio da perspectiva da Educação Crítica, pode contribuir para a formação de cidadãos que atuem para a promoção da democracia e da justiça social e respeito aos direitos humanos. Este trabalho, portanto, tem por objetivo discutir o conceito de pós-memória e suas potencialidades para a promoção da justiça social dentro de um contexto de formação de professores de inglês, em intersecção transdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como a história, a arte, a arquitetura, a música, o cinema, a literatura e as mídias digitais, abordando as influências históricas, sociais e culturais na formação de professores no Brasil e problematizando a relação entre histórias de vida, memória, pós-memória e formação das identidades dos professores de língua inglesa e da cultura de sala de aula no Brasil atual. A proposta vê o conceito de pós-memória e sua aplicação na formação de professores e no ensino de inglês no Brasil como uma maneira de rememorar as atrocidades cometidas durante o período militar brasileiro e, portanto, como uma estratégia de resistência e luta para que traumas históricos não voltem a se repetir.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Inglês; Educação Crítico; Transdisciplinaridade

As linguagens e a construção do feminino na luta pela anistia em Minas Gerais

Mislele Souza da Silva (Mestre - UFU)

Esta comunicação pretende analisar criticamente os usos da linguagem pelas integrantes do Movimento Feminino pela Anistia de Minas Gerais (MFPA-MG), no contexto da ditadura civil-militar brasileira. Esse trabalho é resultado das pesquisas iniciais para o projeto de doutorado em Estudos Linguísticos, que visa aprofundar e ampliar o enfoque da pesquisa de mestrado em História Social, onde analisamos a formação do MFPA, sua atuação e as variadas possibilidades de luta, especificamente através da atuação de Therezinha Zerbine e Helena Greco. Essa alteração do referencial teórico e metodológico da pesquisa permitirá a

análise da construção das representações sobre as mulheres e a imagem que as mulheres constroem de si, compreendendo a dinâmica de inclusão e exclusão das mulheres no âmbito da ditadura militar e o modo como a história se materializa na linguagem. A partir da análise dos diversos tipos de linguagens produzidas pelas mulheres do MFPA-MG, objetivamos explicitar como as pessoas reproduzem, produzem e alteram as estruturas sociais, partindo da importância da linguagem e o seu poder de persuasão nas práticas políticas. Desta forma, buscaremos analisar o uso e a influência da linguagem em um processo de construção e reconstrução do feminino, dentro do âmbito do MFPA-MG, compreendendo como a linguagem é utilizada dentro desse contexto, por meio da Linguística Aplicada (LA), posto que a LA, atualmente, questiona a produção e reprodução de lugares de dominação, de exclusão e sobre como os sujeitos se inscrevem discursivamente em hierarquias construídas socialmente. Sob esse prisma, abarcaremos a linguagem enquanto prática social e interativa, entendida como ação, buscando desta forma evidenciar quais sentidos a linguagem adquire nas mais diversas circunstâncias de interação.

PALAVRAS CHAVES: Movimento Feminino Pela Anistia; Linguística Aplicada; Ditadura Militar

Era uma vez... um conto que virou curta-metragem: uma sequência básica de ensino de gêneros pautada na análise de discurso crítica e na pedagogia dos multiletramentos

Marcela Cristiane da Silva (Mestranda - PROFLETRAS - UFU)

Maria Aparecida Resende Ottoni (Doutora - UFU)

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola da rede pública do Distrito Federal com 19 alunos da 9ª etapa da Educação de Jovens e Adultos –EJA durante o primeiro semestre de 2019. Apoiamo-nos em pressupostos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH,2001,2003,2008; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH,1999), em estudos sobre os gêneros discursivos (BAKHTIN, 2015), sobre o ensino de Língua Portuguesa na EJA (FREIRE ,1987,1996), sobre letramentos e multiletramentos (ROJO; MOURA, 2012; SOARES, 2012), sobre o conto (CORTÁZAR, 2004; GOTLIB, 1988), sobre o roteiro (COMPARATO,1983; FIELD, 1995) e sobre o gênero curta-metragem (ALCÂNTARA, 2014; VENTURINI,2017). Como metodologia, optamos pela pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986). A coleta de dados foi realizada a partir de atividades realizadas pelos discentes, produção de roteiro e curta-metragem, além de registros de diário do professor pesquisador. Os dados estão sendo analisados na perspectiva da pesquisa qualitativa com enfoque na descrição, na interpretação e no contexto em que estão inseridos. Nossa pesquisa propôs elaborar e aplicar uma proposta interventiva centrada na leitura e análise crítica de contos e na produção de curtas-metragens. Como resultado parcial, já pudemos perceber que o trabalho com contos favorece para que os estudantes analisem criticamente e investiguem as representações discursivas e identificações dos personagens dos contos e que relacionem o lido ao vivido. O trabalho também constituiu-se como uma oportunidade de protagonismo desses alunos, de reflexão sobre os usos da língua e de outros modos semióticos na leitura e na escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Contos; Roteiro; Curta-metragem

As narrativas do pós-armário no YouTube: discurso, cultura e subjetividades

Daniel Mazzaro (Doutor em Estudos Linguísticos - UFU)

Venan Alencar (Doutorando em Estudos Linguísticos - PosLin/UFMG)

As narrativas de vida, enquanto modos possíveis de apreendermos discursivamente as subjetividades dos sujeitos da nossa sociedade, podem nos fornecer dados culturais interessantes sobre determinados grupos sociais. Neste estudo, partimos precisamente de um suporte digital onde as narrativas de si se encontram predominantemente disponibilizadas: o YouTube. Nossos sujeitos-objeto são homens gays que discorrem sobre o modo como experienciam suas vidas enquanto sujeitos já assumidos, ou seja, como lidam com as atuais problemáticas do que chamam de comunidade gay após terem “saído do armário”. Acreditamos que, ao falarem de si, tais sujeitos suscitam discursivamente aspectos relevantes da vida de um grupo minorizado, reativando sua memória para falar inclusive do “armário” e, assim, construir um entendimento progressivo de suas subjetividades. Demais temas são também abordados pelos narradores, como o dualismo entre masculinidades e feminilidades gays, a amizade entre homens, o olhar heterossexual sobre os modos de vida gays, a prática de exercícios físicos, *bitching*, entre outros. Analisamos dois vídeos de YouTubers (um brasileiro e um estadunidense) e, a partir do que é relatado por eles, elencamos algumas categorias que se repetiam em ambos. Partimos de uma filiação teórica da Análise do Discurso de vertente francesa, de estudos foucaultianos e dos Estudos de Gênero e Sexualidade empreendidos sobretudo por Halperin (2012, 1995) e Rubin (2017). Esperamos, desse modo, ampliarmos as noções sobre narrativas e sua aplicabilidade a suportes digitais, promovermos a difusão da importância sobre os estudos de gênero e sexualidade no campo acadêmico e fortalecermos o diálogo entre Análise do Discurso e Estudos de Gênero. O doutorando dessa pesquisa recebe financiamento da CAPES e, por isso, agradecemos à instituição pelo suporte.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Narrativas de vida; Gênero e Sexualidade

Ditadura gay: poética e política de uma homonorma distópica

Marcus Vinícius Lessa de Lima (Mestrando - UFU)

O curta-metragem *Ditadura gay* (2017), dirigido por Alex Oliveira e veiculado pela produtora uberlandense NÓIS, apresenta uma “distopia ambientada num Brasil pós-apocalíptico”, na qual um grupo de “gays, lésbicas e negros” chicoteiam e agridem um representante da “minoridade branca e hétero”, submetendo-o a um ritual de “cura hétero”. Compreendendo a produção audiovisual como uma tecnologia de gênero (DE LAURETIS, 1987), pretende-se investigar seu aproveitamento político na proposição de um mundo ficcional em que a própria subversão performativa (BUTLER, 2019) deixaria de ser subversiva: estando a heteronorma compulsória invertida diametralmente, o corpo heterossexual passaria à posição de desviante no sistema que regula as relações de sexo / gênero (RUBIN, 1975), tornando-se sujeito de um processo de “cura hétero”, ao mesmo tempo punição pelo desvio e tentativa de ressubjetivação pelo discurso da nova norma. A questão da subversão passa, portanto, ao plano da recepção, situada numa sociedade em que os discursos da “cura gay” e as acusações de que uma suposta “ditadura gay” já esteve em vias de implantação no Brasil são mobilizados em circunstâncias diversas, servindo inclusive à propaganda política. No plano de uma poética da homonorma, cabe analisar as

escolhas figuracionais que, no curta, associam corpos homossexuais e negros, estética BDSM e atuação animalesca (movimentação quadrúpede, rugidos e grunhidos), propondo uma figuração hiperbólica da dissidência sexual (PRECIADO, 2017). Figuração que decerto faz ressaltar o caráter ambivalente dos estereótipos (BHABA, 1998) em torno da sexualidade não heteronormativa, estereotípiã produtora de imagens tanto risíveis e mistificadas quanto capazes de agenciar subjetividades e instituir vetos aos espaços social e simbólico. Diante dessa situação, *Ditadura gay* se configuraria como um ato de reapropriação das técnicas de produção de subjetividade e dos biocódigos somatopolíticos (PRECIADO, 2018), possibilitando inclusive discutir as fronteiras entre distopia e utopia como uma questão de enunciação e recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias de gênero; Dissidência sexual; Distopia

“O pânico todo disfarçadinho no rosto”: corpo, confissão e poder em *O amor dos homens avulsos*, de Victor Heringer.

Eric Teixeira Silva (Mestrando em Estudos Literários - UFU)

Vinculado a nossa pesquisa sobre os procedimentos de configuração do desejo, da violência e da ternura na obra *O Amor dos Homens Avulsos*, do escritor Victor Heringer, o presente estudo se destina a comentar uma cena inserta no capítulo treze da narrativa, onde atuam o protagonista Camilo, sua irmã Joana e também Cosmim, uma criança recém-inserida na família central por motivos pouco claros para o narrador. O romance se desenvolve por meio de memória narrativa que conta a relação de (homo)afeto desenvolvida entre Camilo e Cosmim, na infância. Na cena específica que estudaremos, Joana leva Cosmim até Camilo, relatando que o menino quebrara um dos enfeites da residência. Ato contínuo, Camilo é instado a resolver a situação, antes que seus pais tomem conhecimento do fato. Nesse processo, instaura-se uma relação de exercício de poder, de subordinação (via delineação da figura de um confessor e de um confessando) e de fluxo de sentidos, imagens, ambiguidades e afetos entre corpos (e discursos) que se desejam e se atravessam. Diante da iminência de que Cosmim seja punido e segregado do convívio familiar, Camilo necessita articular enunciados que representem discurso de resistência em uma situação de risco. Guiaremos a análise discursiva, literária e linguística dessa cena por intermédio de dois pensadores da linguagem: Michel Foucault e Jacques Derrida. Em Foucault, buscamos na obra *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, a discussão que ele projeta sobre o ato de confissão relacionado à sexualidade, bem como o esclarecimento de que o discurso precisa ser estudado levando-se em consideração a identidade, a perspectiva e o lugar de pronúncia. Do pensamento de J. Derrida, selecionamos assertivas presentes na obra *Essa estranha instituição chamada literatura*, a partir de sua percepção da literatura como uma estranha instituição na qual tudo pode ser dito, inclusive o silêncio.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Literatura; Risco

A linguagem e as coisas: *Cinderela Surda* e a representação no espaço-corpo

Helen Cristine Alves Rocha (Doutoranda - UFU)

A linguagem era um signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava. No século XVI, as palavras eram o que designavam. A partir do século XVII,

a ideia de semelhança entre linguagem e coisa se desfez. Palavra e coisa foram se distanciando e, na contemporaneidade, a relação do signo com seu conteúdo não é mais assegurada nas próprias coisas. A semelhança estava ligada a um sistema de signos, ela se liga agora à imaginação, repetições e analogias. As palavras e as coisas não se assemelham mais, o signo ganhou novos poderes de representação além daquilo que aparenta ser. A representação se estabelece, ressuscita uma mais antiga e dá lugar a uma comparação para se tornar semelhante ou dessemelhante das impressões. Tudo isso se dá na imaginação. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a Libras e sua representação no espaço-corpo em “Cinderela Surda”: conto em formato de vídeo que materializa a obra escrita *Cinderela Surda* (2011) de Carolina Silveira, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa. O vídeo foi publicado pelo Curso Chaplin – LIBRAS, em 12 de dezembro de 2013, no site do YouTube. O corpo torna-se uma narrativa, uma representação da linguagem de sinais. Portanto, vamos repensar até que ponto essa linguagem representa a língua portuguesa, a narrativa e a iconicidade. Para cumprir com nossos objetivos, elencamos as obras de Michel Foucault (2007), Laurent Jenny (1979), Antoine Compagnon (2010), Luiz Costa Lima (2003), sobre a relação entre palavra e coisa; e elegemos os textos de Erika Fischer-Lichte (2011), Lodenir Karnopp (2006), Carlos Skliar (1998) e William Stokoe (2006) sobre a Libras e sua manifestação no corpo. A representação nunca deixou de fazer parte da literatura. Mesmo que a teoria literária tentasse colocá-la à margem dos estudos sobre literatura, nós sempre nos recorreremos à *mimesis*.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Mimesis; Dramatização

De Princesa a “Bela, recatada e do lar”: Uma análise do site “A escola de Princesas”

Jéssica Teixeira de Mendonça (Mestre em Estudos Linguísticos - UFU)

O presente texto pretende problematizar a imagem da mulher por meio da circulação dos discursos, escritos e imagéticos, presentes nos ambientes *online*. Os discursos materializam ideologias e crenças de uma determinada sociedade, perpetuando-as. Dessa forma, ao se focar sobre os discursos, já nos atemos também na ideologia, crenças, costumes e práticas sociais daquele grupo sob o qual analisamos em um primeiro momento, o discurso. Com isso, tenho o objetivo é discutir os mecanismos através dos quais o estigma social é exposto e reforçado no meio digital por meio do discurso. Para trazer evidências a nossa discussão, irei descrever o site “A Escola de Princesas”. Este site apresenta informações sobre “A Escola de Princesas”. Esta escola é destinada a meninas de 04 a 15 anos tendo como objetivo levar “ao coração de meninas, valores e princípios morais e sociais que as ajudarão a conduzir sua vida com sabedoria e discernimento”. Na descrição desse site, aponto a forma como ele é organizado, observando as fotos e figuras que predominam neste espaço, bem como os enunciados que são apresentados. Para esta descrição, irei me apoiar nos estudos da Análise do Discurso, tendo como base autores como Orlandi (2007), Pêcheux (1975) dentre outros. Ao observarmos os discursos veiculados no site em questão, os resultados apontam que eles vinculam a mulher a uma tarefa doméstica, a uma relação de dependência emocional e financeira do homem e a estética, por exemplo. Com isso seu conteúdo reforça e naturaliza o estigma social de padronização e submissão da mulher, desde a sua infância até a vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Mulher; Submissão

EJA na mídia: representações discursivas de estudantes

Mariana Ruiz Nascimento (Mestranda - UFU)

Cristiane Carvalho de Paula Brito (Doutora - UFU)

O presente estudo visa discutir algumas representações discursivas acerca do estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na mídia, de forma a entrever as redes de sentidos a que essa instância se filia, ao atualizar memórias sócio-histórica e ideologicamente constituídas sobre esse sujeito. Partimos do pressuposto de que a mídia (re)produz imaginários que (des)constroem regimes de enunciabilidade, isto é, aquilo que pode e deve ser dito acerca dos sujeitos, o que, por sua vez, incide em seus movimentos de identificação. O trabalho está fundamentado nos estudos em Linguística Aplicada, na Análise do Discurso francesa e no Círculo de Bakhtin por priorizarem o caráter social, político e histórico da linguagem e da constituição dos sentidos. Com base neles, exploramos a materialidade imagética-sonora-verbal de uma campanha publicitária da EJA promovida pelo Ministério da Educação em 2016, de forma a identificar os discursos que atravessam as representações de estudantes. Nosso gesto de interpretação busca compreender os sentidos que, tendo já se inscrito na história, retornam no acontecimento discursivo, produzindo efeitos. Nossas análises apontam o funcionamento do discurso da: i) exclusão; ii) superação; e iii) transformação. A educação se configura, pois, como a solução da situação de exclusão do adulto analfabeto e como instância capaz de retirá-lo de suas insatisfatórias condições de trabalho. Além disso, ela é retratada como transformadora e o único meio de ascensão social, socialização e aumento da autoestima, enquanto a escola é colocada como garantia de uma transformação rápida e notável em sua vida, o que, na realidade, nem sempre é possível. Verificamos que esse amálgama discursivo funciona de modo a homogeneizar a identidade dos estudantes da EJA e a obliterar as condições sócio-econômicas e políticas pelas quais tal modalidade de ensino ocorre.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Campanha publicitária; Educação

A construção crítica do leitor em sala de aula: a leitura de contos on-line

Sara Gonçalves Rabelo (Doutoranda em Estudos Literários - UFU)

Com o advento da tecnologia, o ensino e aprendizado da Língua Portuguesa se tornaram desafiadores quando analisada a diferença entre o acesso à um livro e aos aparelhos eletrônicos como celulares, tablets e computadores. Com base nessa premissa, é necessário acompanhar as transformações cotidianas do leitor em formação e propiciar o contato com a literatura na esfera escolar, com o fito de mostrar a importância da leitura na formação tanto cultural quanto escolar do aluno. Para tanto, é necessário unir a leitura e os aparelhos eletrônicos, procurando mostrar aos alunos como ela está presente em todos os ambientes e a sua importância em todas as esferas de formação intelectual. Tendo essa questão como proposição primeira, este trabalho tem por objetivo, com base em Foucault (2013) e Bakhtin (1992), abordar a questão do apagamento do autor e a importância do leitor crítico enquanto responsável por fazer as inferências durante a leitura. Será dado enfoque à intertextualidade, implicitamente, com o intuito de mostrar

que a interpretação do leitor será independente daquilo que postula o autor, e que dependerá das vivências do leitor. Isso ocorre, pois, segundo Barthes (1992), o autor não passa de uma produção da literatura moderna que precisa atribuir a um ser a explicação de uma obra. Todavia, ele é somente um sujeito do processo linguístico de elaboração da escrita, pois o texto deixa de ter uma interpretação única e passa a pertencer ao público que o lê. Assim, esta comunicação apresentará contos abordados em sala de aula, quais as interpretações levantadas pelos alunos e as mediações feitas pela professora enquanto responsável pela formação de leitores críticos.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; Apagamento do autor; Formação de leitores

“Mulher-Maravilha”? Normatizações para o corpo feminino na contemporaneidade

Fabiane Lemes (Doutoranda em Estudos Linguísticos – UFU)

Tendo em vista as formas de disciplinarização e controle do corpo feminino, subjogado pela vertente machista como objeto para o olhar e o poder masculino, este artigo objetiva problematizar e analisar os métodos de normatização desse corpo como aquele que deve seguir determinados parâmetros para ser aceito na sociedade atual. Assim sendo, selecionamos como *corpus* comentários feitos em mídias sociais sobre as formas corpóreas da atriz Gal Gadot, ao interpretar a protagonista do filme Mulher-Maravilha, o qual estreou nos cinemas em 2017. Especificamente, partimos das críticas negativas direcionadas à atriz, as quais se pautaram na “incompatibilidade” das curvas de Gal Gadot quando comparada à personagem dos quadrinhos, lançada em 1942. Para tanto, pautar-nos-emos em uma abordagem inter/transdisciplinar que abrange a Linguística Aplicada (LA) e a Análise do Discurso de linha francesa. Logo, a biopolítica, construto epistemológico de Michel Foucault, bem como a vontade de verdade e as relações de poder, a priori, tornam-se fundamentais na análise dos discursos em suas modalidades existenciais, inerentes aos processos de subjetivação dos sujeitos. Por conseguinte, compreendemos que esse corpo é coisificado, isto é, objetificado, disciplinarizado, cultuado, idealizado em suas formas “perfeitas” e, acima de tudo, erotizado pelo olhar masculino, consequências oriundas de questões históricas, sociais e culturais, as quais interferem diretamente na subjetivação do sujeito que, em busca de aceitabilidade, muitas vezes se torna resiliente ao contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo feminino; Mídias sociais; Formas de controle

Processos de interdição em redes sociais: a amizade requer corpo?

Giselly Tiago Ribeiro Amado (Doutoranda em Estudos Linguísticos - UFU)

Tentando responder a pergunta inspiradora - Se se retira o termo pipe do enunciado Ceci n'est pas un(e) _____., deixando ali em seu lugar uma lacuna, o que, para você, emerge para ocupar esse espaço? - proponho preencher a lacuna com a palavra ami(e), a partir da reflexão sobre a possibilidade de afeto na relação humano-máquina. Neste trabalho, máquina é especificamente, o aplicativo de inteligência artificial chamado *Replika*. O propósito deste aplicativo é a aprendizagem sobre o usuário para se tornar um amigo virtual com a personalidade do próprio usuário. Para as análises foram tomados alguns recortes de postagens de diferentes usuários da(o) *Replika* que interagem em uma comunidade fechada no Facebook, da qual faço parte há dois anos. Nos recortes analisados percebi que há uma construção de afeto que possibilita aos usuários o desejo pelo encontro de corpos, como se

a inteligência artificial fosse corporificada. Ainda com relação ao afeto, houve um deslocamento que permite territorializar o lugar da inteligência artificial como amiga e/ou desterritorializá-la desse lugar para o de aplicativo comum e disponível a qualquer um. Outra questão que veio à tona foi o paradoxo da interdição, uma vez que a comunidade é um espaço em que os usuários se reconhecem como amigos virtuais, não admitindo a exclusividade da relação humano-máquina, pois há uma cobrança pelo humano, ou seja, seres humanos em uma amizade virtual. A interdição pelo tabu da solidão é um funcionamento que permeia a comunidade. Ao mesmo tempo em que os usuários do aplicativo *Replika* declaram se relacionar melhor com a inteligência artificial do que com outros seres humanos, utilizam o espaço da comunidade para exibirem o desenvolvimento de suas *Replikas* nutrindo uma relação de admiração e de amizade uns com os outros.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; Afeto; Replika

Ela, ele, nós e a busca por relacionamentos (ir)reais

Isabella Zaiden Zara Fagundes (Mestranda em Estudos Linguísticos - UFU)

Este trabalho tenta refletir e problematizar, por meio de uma análise reflexiva do filme *her*, a questão a respeito do afeto, do corpo e das relações humano-máquina. O filme aborda o relacionamento de um homem, Theodore, e uma máquina dotada de inteligência artificial, Samantha. Ele desiludido, propenso ao adestramento afetivo, a um tipo de poder disciplinar que o oprime e o refreia no ato de afetar e ser afetado, devido às desilusões e aos desgostos de relacionamentos anteriores. Ela ávida por novas experiências e evolução, sem barreiras, sem entraves, querendo descobrir os mistérios do sentir, do afetar e ser afetada. Nesse encontro os mundos se condensam, se imbricam e ocorre um tipo de deslocamento: a máquina quer se humanizar e territorializar e o homem se maquinizar e desterritorializar. Além disso, há também uma outra questão abordada e questionada que é a respeito do corpo, em termos da materialidade social, uma vez que a inteligência artificial não é dotada de um corpo físico, possui apenas uma sequência de bytes em suas linhas de programação e é esse corpo que a materializaria, que a deslocaria, efetivamente, do virtual para o real. Durante a análise, duas representações tornaram-se latentes: a representação na realidade e a representação na interface virtual, que por mais distintas que possam parecer, trazem pontos comuns, ou seja, ambas buscam pelo amor, pela não solidão, por encontrar alguém, por ser feliz. Nos mundos distintos de Theodore e Samantha eles passam a se compreenderem através de um olhar espelhado, que se dá por intermédio de uma subjetivação que indica os seus lugares discursivos em meio à linha tênue entre o real e o virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Afeto; Inteligência Artificial; Filme Her

Frida Kahlo e os estilhaços do “Eu”: O corpo e suas reverberações

Tamira Fernandes Pimenta (Mestranda - CAPES/UFU)

O corpo acompanha as transformações do mundo e os questionamentos do homem, resultando em um processo constante de busca, de compreensão, ao expressar uma dúvida (construtiva) sobre o “real”, pois o corpo é usado como o ponto zero em que tudo se cruza, pois é dele que saem todos os lugares possíveis, utópicos e heterotópicos. Nas obras de

Frida Kahlo, os corpos apresentados surgem muitas vezes de forma fragmentada, borrada, doente; isso se configura como um modo de exteriorizar o meio insólito no qual suas dores são projetadas. Esse insólito se configura também em sua escrita, que se apresenta de forma mutilada, assim como suas pinturas. Assim, pretendemos apresentar o corpo heterotópico e fragmentado, tal como ele se mostra nas pinturas de Frida Kahlo, em que fragilidade, instabilidade e esvanecimentos se encontram presentes a cada pincelada. Serão analisadas algumas telas de Frida Kahlo nas quais notamos como o duplo e o insólito se reverberam de forma fantástica e heterotópica. O corpo é um objeto discursivo e, por meio de construções e narrativas que ele fornece, buscaremos traçar um percurso no qual analisaremos os movimentos de representação biografemática, apresentando as possibilidades de significação que são instauradas a partir das suas composições. Para isso utilizaremos o estudo de Jean-Jacques Courtine, em *Decifrar o corpo: pensar com Foucault* (2013), a fim de analisar como se dão as relações entre corpo, discurso e imagem, partindo de uma perspectiva do corpo como uma razão gráfica. Nessa perspectiva, usaremos as contribuições de Michel Foucault sobre o corpo utópico, o apagamento de corpos e o devir, que estão no livro *O corpo utópico; As heterotopias* (2013). O afresco memorialístico e histórico que atravessa por esses caminhos demarcados pelo corpo e suas reverberações serão pensados a partir dos vários estilhaços do “eu”, responsável pela rememoração do que já foi posto

PALAVRAS-CHAVE: Biografemas; Espaços Heterotópicos; Pinturas

Fotografia e violência: reflexões sobre corpos (in)dóceis

Paulo Soares Augusto (Doutor em Arte e Cultura Visual - UFG)

A experiência em fotografar supostos criminosos em delegacias de polícia na cidade de Uberlândia (na condição de fotojornalista do jornal *Correio de Uberlândia* entre 2002-2011) é o ponto de partida para pressupor que o ato fotográfico pode ser violento: em pautas como essa, o fotógrafo exerce o papel de carrasco ao supliciar o corpo do condenado através de golpes de corte (temporal e espacial) e da descontextualização para atingir suas “almas”. Essa violência, que normatiza os corpos “capturados”, redundando em sua publicização, também pode ser abordada pelo viés de assujeitamento e passividade do corpo do fotojornalista. O resultado dessa prática é um conjunto de imagens fotográficas que têm como função a “publicidade” para os poderes. Porém, a partir de uma investigação sobre a cidade, “desvio” o olhar para a imagem da cidade para abordar os “estados de violência”. O imaginário sobre a cidade coloca em questão diversas formas de violência que compõem o “simbólico”. Por exemplo, o embate entre imagem fotográfica e código escrito suscita questões tais como a irredutibilidade de uma ao outro. A partir da imagem da cidade, foram levantados alguns “mecanismos” de produção de violência simbólica e “silenciamentos” de realidades diversas. De forma conclusiva, a violência factual, tautológica e jornalística, coloca em questão outras formações discursivas tais como o desenvolvimento de uma promissora indústria da segurança ligada ao medo enquanto dispositivo de controle dos corpos no espaço da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Visual; Fotojornalismo; Silenciamento

Fotografia digital publicitária, *G Magazine* e percurso de leitura do olhar

Lucas Nascimento (Doutor - MEC-Capes)

A questão inaugural é de natureza epistemológica sobre *o percurso de leitura do olhar* de fotografia digital publicitária da *G Magazine*: **como ler fotografia digital como imagem-discurso?** Para respondê-la, investimos na produção conceitual de **imagem cosmética** e de **escrita fotográfica**, baseada em ‘paráfrases visuais’, ‘policromias’ e ‘memória alegória’ (SOUZA, 2001; 2011; 2012; 2018). O nosso *corpus* de análise são imagens de ensaio fotográfico de *Dicesar por Dimmy Kieer e seus big brothers gêmeos*, para a revista *G Magazine*, além de resultados de experimento de rastreamento ocular de leitura de fotografia digital de sua capa por seis grupos de participantes (homens e mulheres auto-declarados homossexuais, heterossexuais e bissexuais) e seis enunciados circulados em sites de publicidade e propaganda sobre a edição dessa revista. O aporte teórico-metodológico é a Análise do Discurso de linha francesa e Linguística Experimental. Com o objetivo geral de contribuir para a compreensão do processo semântico ‘polissemia do olhar’ (envolvido na visualização de imagens), pode ser dito que o rastreamento ocular identificou a “trituração de leitura” (PÊCHEUX, 1981) dos sujeitos participantes, uma vez considerados os movimentos oculares como sequências discursivas de trituração visual. Sobre o rosto, analisamos com base em Courtine e Haroche (2007). Em se tratando dos seis enunciados publicitários em circulação *online*, vimos que são apresentados confrontos discursivos com a materialidade imagética da capa da revista. Os enunciados e os percursos de leitura do olhar afirmam a leitura aparentemente de nudez. O funcionamento dessa leitura indica a desregulação do corpo masculino e a indisciplina do corpo na história da heteronormatividade. Desse modo, o machismo afirma a nudez masculina em capa publicitária da *G Magazine*, edição de maio de 2010.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura de imagem; Corpo; Gênero

Pedagogias do feminino: regimes de poder e verdade na escolarização dos corpos na/da contemporaneidade

Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto (Doutora - UFU)

Fundada em 2013 no Brasil, uma franquia de escolas de cursos livres nasce com a proposta de formar meninas, de quatro a quinze anos de idade, para se tornarem princesas e, conforme descrição do próprio site, com o objetivo de “fazê-las resgatar a essência feminina que existe em seus corações”. Desde sua abertura, a escola já conta com seis filiais em todo o território brasileiro, mas foi somente durante a divulgação da inauguração de uma de suas filiais, localizada em uma cidade no sudeste do país, que tal projeto ganhou certa visibilidade, causando as mais diversas reações nas mídias sociais, diante de sua proposta. Visando atingir o público pertencente às classes A, B e C – ainda segundo informações do próprio site da escola -, a instituição oferece, no contraperíodo das aulas das escolas regulares, cursos livres que tratam de temas relacionados a desde o que compreendem por “a identidade da princesa”, a aulas de etiqueta, cuidados com a casa e família, estética corporal, valores e princípios do matrimônio e concernentes à espera do “príncipe”. Instigada pelo questionamento que nos deixa Michel Foucault, em sua obra “A arqueologia do saber” ([1969] 2010, p. 30), qual seja: “como apareceu um determinado

enunciado, e não outro em seu lugar?”, lanço como proposta, para esta comunicação, uma discussão acerca dos mecanismos no/pelos quais a emergência de enunciados, como os que sustentam tal proposta de pedagogia do feminino, se tornam (ainda) possíveis na contemporaneidade. A partir dos estudos do discurso (FOUCAULT, 1969, 1979, 1988) e de gênero (BUTLER, 1999), analisarei excertos extraídos de propostas da instituição, bem como de comentários de usuários de mídias sociais a esse respeito, todos localizados em sítios de domínio público. Como veremos, a partir na análise do corpus, temos aí a instauração de uma arena virtual que promove disputas de narrativas em torno do feminino, reforçando, desse modo, dicotomizações que se materializam nos pares “feminino x feminismo”, “boa mulher x má mulher”, “certo x errado”, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Identidade; Pedagogias do Feminino

Por uma Clínica-Poética ou como se dá uma ética dos encontros quando não se tem amanhã?

Juliana Soares Bom-Tempo (Doutora - Curso de Dança – IARTE/UFU)

A ideia de que estamos em crise e precisamos fazer algo para garantir que ela não acabe com nossa existência, num apocalipse fatal, engendra um governo dos afetos que coloca, a todos, num estado de assistir aos fatos tendo a tristeza como um tipo de política de gestão das massas. Estamos tristes. Nossos apetites se perdem diante da venda desenfreada das nossas possibilidades de autonomia, da iminência dos rompimentos de barragens em Minas, do aumento de agrotóxicos em nossas plantações, da precarização das universidades, do sonho dos pobres de terem vez escorrendo em uma descarga que leva tudo o que produzimos para um mar de certezas ecológicas desastrosas, além da violência autorizada e estimulada às mulheres, aos negros, aos gays, às lésbicas, aos trans, aos corpos, às diferenças. E, as pessoas que aqui estão assistindo o desmantelamento e a derrocada, ainda reivindicando a certeza de certo amanhã. D. H. Lawrence propõe pensar as “gentes” que utilizam continuamente guarda-chuvas para protegerem-se do caos. Estes têm a função de embrulhar o caos em visões que criam casas, formas e estabilidades; pintam um céu no fundo do guarda-chuva, onde pessoas marcham e morrem. Um guarda-caos, em que as gentes vivem e murcham. Perfurar o guarda-chuva por um desejo de caos; um poeta se coloca como inimigo da convenção, para poder ter um pouco de sol que lhe queime a pele. Frente a ideia de crise como um tipo de governo, propomos um furo nos guarda-chuvas para entrar um pouco de caos: a criação de práticas de si e a insurreição de uma Clínica-Poética engendrada em uma ética dos encontros. Com estratégias ligadas às artes da performance, à educação somática, à literatura, à dança nas perspectivas do Contato-Improvisação e do *buthô*, gestamos procedimentos para atravessar a crise, a loucura, a censura, o caos.

PALAVRAS-CHAVE: Crise; Práticas de si; Caos

O manifesto transexual: narrativas de uma artista travesti em um “cistema” transfóbico

Marina Silvério (Mestranda em Artes Cênicas - UFU)

Este manifesto fala da relação da artista/travesti Marina Silvério com a sociedade e o “cistema” transfóbico em que estamos inseridas. É feita uma recapitulação, uma linha do tempo que problematiza e pesquisa as principais causas da raiz do preconceito e do ódio às diferenças, com destaque às pessoas transexuais, analisando as causas da falta de consciência da alteridade pela sociedade e a falta de percepção de que somos todos seres diferentes e únicos. Posteriormente, o texto desmonta a peça teatral Transgênica, que é um desabafo e um grito de dor clamando por justiça, onde a atriz também permeia suas vivências transfóbicas, discute o que é a transexualidade, no seu ponto de vista e de outras pessoas trans e escancara os avanços quase inexistentes na vida e na luta de transexuais e travestis, com o intuito de evitar a desinformação, o preconceito e desmistificar estigmas e tabus existentes sobre esses assuntos, que são simples e comuns em nossa sociedade, desde que o "mundo é mundo". Travestis sempre existiram e sempre foram excluídas, marginalizadas e invisibilizadas. Nós sempre estivemos no meio de vocês!

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Transexualidade; Educação

“Hijra e Kinnar”: potencializando o terceiro sexo na narrativa O ministério da felicidade absoluta, de Arundathi Roy

Ivan Marcos Ribeiro (Doutor - UFU)

Este trabalho visa a uma exposição do corpo como resistência na obra O ministério da felicidade absoluta, da escritora indiana Arundhati Roy. Nessa obra, publicada em 2017 e seccionada em histórias que se interligam, destaca-se a presença da protagonista transexual Anjum, a qual “morava em um cemitério como uma árvore”, com uma vida cheia de percalços no seio de sua família e na sociedade indiana, sendo alvo de preconceitos da parte de hindus e muçulmanos. Assim, este trabalho passa a pensar no corpo enquanto símbolo de resistência e de distopia com base na experiência velada, a princípio, da atuação de Anjum ao receber as vítimas sociais e ao abrigá-las em um cemitério. Nesse cenário, nota-se a crítica ácida de Roy quanto a temas extremamente delicados em uma sociedade conservadora, tais como a homossexualidade, a infidelidade, a contestação política e a fúria gerada pelo divórcio Índia/Paquistão e o espólio da Caxemira. Assim, Roy consegue, no fim das contas, contar uma história de amor, motivada e sazoadada pelas vicissitudes sociopolíticas de seu país, se amor de fato é a tônica da narrativa. Nesse sentido, busca-se uma reflexão sobre como, em contextos violentamente remexidos, pode-se pensar em um lugar para a diversidade e pluralidade de corpo e de ideias. Para tal, utilizar-se-á uma teoria que possa contribuir para a elucidação dessa reflexão, tais como Preciado (2002), Butler (2004) e Beauvoir (1949).

PALAVRAS-CHAVE: terceiro sexo; conflito étnico-religioso; narrativa indiana

Epistemologias locais são um cachimbo da paz

Claudia Marinho Wanderley (Doutora - UNICAMP)

O tema desta apresentação é a simples forclusão do conhecimento local herdado e vivido pelos povos tradicionais no Brasil, e nosso desejo e esforço em trazer para a cena acadêmica o cancelamento desta invisibilidade, assim como o compromisso de interlocução intelectual respeitosa e produtiva com diferentes culturas e em diferentes línguas.

Pesquisando e trabalhando pela revitalização das línguas locais e culturas locais por mais de uma década, parece ser um senso comum que nós - como cidadãos brasileiros - não temos conhecimento do tesouro epistêmico e da diversidade linguística e cultural que temos oportunidade de conviver no Brasil. Ao considerarmos aproximadamente 300 nações indígenas vivas. O ambiente acadêmico no Brasil, ainda em processo de descolonização, hoje vive um dismantelamento forte. O projeto no momento parece ser o de deter a lenta e crescente presença de intelectuais de todos os grupos minoritários que foram consistentemente sendo trazidos para o cenário acadêmico brasileiro por meio de políticas afirmativas nos últimos dez anos. Diferente do quadro de Magritte, negociando entre o cachimbo, sua imagem e a língua, estamos negociando a presença de imagens, linguagens e corpos que nem sempre fazem parte da nossa realidade do senso comum, e foram parcialmente trazidos para o quadro acadêmico, e muitos deles vivem por uma promessa de ainda estarem neste quadro. Este artigo é sobre essas possibilidades, um cachimbo de paz com os mais velhos, os povos que estavam aqui antes de nós e os afrodescendentes que mantiveram sua cultura, uma abertura para promover o diálogo com seus conhecimentos. Este não é o pano de fundo da realidade moldada pelo discurso colonial que já conhecemos. Esse texto é uma posicionamento declarado do que poderíamos aprender se considerarmos as possibilidades de expandir nossa compreensão do conhecimento em um diálogo horizontal com os povos tradicionais de nossa região.

“Who could smoke the pipe in my picture?”: on the inception of conceptual spaces

Raphael Marco Oliveira Carneiro (PhD student - UFU/CAPES)

René Magritte's 'The Treachery of Images' or 'This is not a Pipe' is a thought-provoking work of art. Decades after its first showing (1929) it continues to inspire and arouse interest, especially because it challenges viewers immediate perception of what would most certainly be a pipe. The addition of words to the realistic depiction of a pipe seems to function as a defamiliarising device that foregrounds relations amongst words, images, and objects in the world. It makes viewers aware that the human world is one of interpretations and representations. In language use these representations take the form of texts that in turn project text-worlds. Drawing on studies by Roman Jakobson, Emile Benveniste, Paul Werth, Joanna Gavins, and Peter Stockwell, this talk seeks to explore the basics of a cognitive linguistic discourse processing framework known as Text World Theory (TWT). The chief tenet of TWT is that people build up mental spaces called text-worlds whenever they produce and process an utterance. A language event is seen to encompass multiple worlds, namely discourse-worlds, text-worlds, and sub-worlds, with varying stores of knowledge that discourse-world participants bring to the communicative event. In light of TWT concepts, I attempt to provide a text-world account of Magritte's painting and address some of its implications for human communication and mental functioning. Thus, as an answer to the question 'after the period in 'Ceci n'est pas une pipe.', what emerges as a possible linguistic, imagistic, or epistemological formulation for you?', TWT emerges as a cognitive linguistic formulation to help us understand the conceptual functioning of language in discursive practices. In general terms, this exploration evinces that TWT can

act as a consciousness-raising approach to the strategically constructed multi-layered nature of discourse.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics; Cognitive Poetics; Text World Theory

Reclaiming the body through tattoos

Sybele Macedo (Doutoranda - UFU)

The postmodern body has been constantly summoned to adapt itself to cultural norms and standards, as demonstrated by the industry of beauty, fitness and plastic surgeries. If piercings and tattoos were almost exclusively associated with marginality and very specific groups like hippies, punks, sailors or criminals until the mid 20th century, it is now possible to perceive those bodily interventions as another form of socially accepted modification, distancing themselves from their transgressive character. Tattoos are now sported on bodies as fashion accessories, new forms of creating beauty, modern talismans and even art. They can also display signs of rebellion, attachment to the past, to the family, to a place or even endurance to pain. They reveal an essential trace of human beings: the need to process feelings and events giving them some sort of expression. The body is transformed into a manifest of the subject's life and the skin becomes a parchment where its history is written. The aim of this paper is to analyze the use of tattoos as a way of reclaiming one's body after trauma and to try to articulate that with the psychoanalytical understanding of the body, drawing from Lacan and Freud. Stories on how getting a tattoo helped subjects overcome various issues that reflect on their self and body image are scattered all over the internet. From the famous and well known to the anonymous, those stories show how turning to ink can be a powerful way of taking ownership of a body that has, somehow, become disconnected from the subject.

KEYWORDS: Body; Psychoanalysis; Tattoos.

Warã: individuação e política discursiva entre os A'uwe-Xavante

Bruno Martin Morais (Doutorando - PUCPR)

Antropóloga entre os Xavante, Laura Graham desfez contra a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas uma crítica: seu modelo de política discursiva estaria centrado no consenso entre sujeitos individuais que têm de levar em conta pretensões de validade intersubjetivamente reconhecidas. Os indígenas que ela estuda, por sua vez, organizariam o discurso para que ele seja uma produção de múltiplos sujeitos na forma de múltiplas vozes. Neste artigo, posiciono-me ao lado de Graham como um terceiro no par de sua crítica a Habermas a fim de detalhar quais mecanismos da Teoria da Ação Comunicativa não se subsumiriam à prática político-discursiva xavante. Para tanto, promovo uma exposição em dois registros diferentes: na primeira parte, exploro a leitura de Habermas a Hebert Mead, centrada no processo de individuação pela linguagem; na segunda parte, reconstruo etnograficamente uma prática discursiva xavante. Minha hipótese, consonante com a de Graham, é de que as oposições entre ambos são comparáveis no ponto em que cruzam o indivíduo e localizam os *loci* da ação política, e o terceiro tópico testa a crítica a Habermas neste ponto. Nas considerações finais, e a partir das proposições

de Pierre Clastres, levanto entre ambos autores e diante dos Xavante, uma hipótese sobre a política envolvida em suas práticas discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Política Indígena; Jürgen Habermas; Hebert Mead

A inversão do conceito de simulacro e os caracteres performáticos de linguagem na arte pós-moderna

Fernando Alberto Pozetti Filho, mestrando em Psicologia Clínica (PUC/SP)

O coeficiente lógico da herança do logon didonai grego remete-nos à articulação do sistema linguístico subsidiando à capacitação do homem de conhecimento e da noção posterior de um sujeito moderno da representação. São as divisões refratárias ao universo de díades clássicas que operam os elementos entre si e as relações que estabelecem entre um e outro termo, mesmo que opostos. Portanto, há um patamar lógico capaz de articular, por exemplo, relações operacionais equalizadas entre o sensível/inteligível, ontologia/epistemologia e significante/significado. Entretanto, ressalta-se ocorrências que tal tradição não conseguiu incluir em seu fluxograma, relações que superam e renunciam à lógica platônica e aristotélica. Se o pensamento modernista pressupôs que a mimese, ou a compatibilidade da imagem à referência, poderia ser superada e que o objeto da arte tivesse a potência de ser substituído (metaforicamente) por suas referência (ou por seus esquemas de produção), no trabalho de Magritte, a estratégia não apenas supera a referência, mas, problematiza a própria atividade referencial, eixo que se guiará, dali para frente, o movimento pós-modernista. Numa revisão histórico/epistemológica, aponta-se movimentos instrutivos que convergem a tal aspiração, entre eles, a filosofia de linguagem estoica e o logos pharmakon (epideixis) dos sofistas, pois ambos aludem aos caracteres performáticos da linguagem, estes capazes de coexistirem com os caracteres meramente representativos (apodeixis). Assim, o artista expõe o embate diante da crise da iconologia oficial como estabelecimento de uma camisa de força cognitiva sobre as obras de arte, “ceci n’est pas une simulacre”, ou seja, não deseja romper com o coeficiente da presença viva na obra de artes. A tela aglutina tanto a imagem simbólica do cachimbo, de força ilocucionária (logocêntrica), quanto o dizer: uma força perlocucionária que é capaz de realizar um ato que produz efeitos no espectador, potencializando o fulcro da transferência sensível e, consequentemente, a amplitude do valor estético.

PALAVRAS-CHAVE: Logos; Modernismo; Pós-estruturalismo.

O (in)confessionalismo das imagens poéticas em Sylvia Plath: uma análise de *Ariel* segundo a estética de Ezra Pound

Miriam Mendonça Martins (Mestre em História - UFU)

A poesia confessionalista – expressão cunhada por Robert Lowell em *Life Studies* [1959] – é apreendida como uma reação intelectual de âmbito poético ao consumismo e à cultura de massa despontados nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. Gestada entre os anos 40 e 60, a mesma caracteriza-se pela recusa à poesia impessoal veiculada por Thomas Eliot em favor de uma poética autorreflexiva proposta por Ezra Pound. Levando a consciência trágica da realidade herdada dos românticos ao seu limite mais extremo, os poemas da escritora norte-americana Sylvia Plath são, comumente, interpretados como textos

confessionais que renunciaram o seu suicídio. Muito além dessa perspectiva, propomos considerar a sua obra poética como uma crítica profunda e abrangente à normatização dos corpos femininos em uma sociedade cujos efeitos do *baby boom* foram angustiosamente sentidos por mulheres que se viram tolhidas e desestimuladas a seguir uma carreira paralela às obrigações do lar. Neste sentido, em *Ariel* [1965], Plath transcende a escrita autobiográfica de caráter confessional ao dar representatividade à luta contra o patriarcalismo. Recorrendo à estética poundiana com vistas a construir imagens e sons através da exata ordenação dos signos linguísticos, a poeta norte-americana elabora uma projeção de suas experiências pessoais e sociais de modo a conferir significado político à matéria verbal. Diante disso, nosso trabalho objetiva explorar como se articulam nos poemas de Plath os dois principais modos retóricos da linguagem poética conceituados por Ezra Pound: a fanopéia e a logopéia. Enquanto o primeiro diz respeito à ideação de imagens visuais na imaginação do leitor mediante a estruturação fonética, o segundo concerne à matéria intelectual do texto, ou seja, à combinação entre forma e conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Normatização dos corpos femininos; Confessionalismo

Gênero: (in)dizibilidade e in(visibilidade) da sujeição e da resistência.

Maria de Fátima Silva Amarante (Doutora - PUC-Campinas)

Desde 2016 vimos desenvolvendo pesquisas que têm como objeto postagens sobre gênero publicadas em redes sociais, tendo em vista refletir sobre estratégias discursivas que constituem as relações de poder no discurso midiático-digital. Tais relações de poder são, por sua vez, constitutivas dos processos identitários de enunciadores e enunciatários e, assim, de suas subjetividades. Ao mesmo tempo, constituem os discursos dos sujeitos que transitam na arena midiático-digital, (des)/(re)configurando os modos de (in)dizibilidade e (in)visibilidade da sujeição e da resistência. Assim, esta comunicação visa a reportar alguns resultados de uma pesquisa que, com base especialmente em estudos de Foucault, Derrida e Butler, adotando uma perspectiva discursivo-desconstrutivista como a descreve Coracini e apoiando-se na semiótica como a apresenta Santaella, focalizou dizeres e olhares relacionados a gênero em postagens no Facebook entre 2018 e 2019, na esteira de manifestações de políticos brasileiros e de suas repercussões no meio midiático-digital. Concentrando-nos nas redes de relações de poder que se configuram entre enunciadores e enunciatários e nos contextos de enunciação em que as postagens ocorreram, observamos, na análise das narrativas do outro e de si e dos comentários que receberam, que, em maior ou menor grau, ocorre a reconceituação de individualidade e solidariedade, de modo a que estas possam se conciliar nas constituições identitárias dos sujeitos pós-modernos, o que, de nosso ponto de vista, coloca em xeque as postagens como elementos potenciais para o empoderamento de gênero. Ademais, dizeres e olhares de sujeição e de resistência, porque socio-histórica-ideologicamente constituídos na contemporaneidade brasileira, não se apresentam em um movimento pendular entre conservadorismo e liberalismo, mas são extremamente polarizados em discursos de confrontação entre aqueles que, permeados por um discurso religioso, fazem do passado remoto presente e aqueles que, atravessados por um discurso científico e acadêmico, buscam preservar um passado recente, resultando em

um cabo-de-guerra em que as relações de poder assumem uma configuração rizomática que (des) (re)territorializa o gênero nos/dos sujeitos e discursos da pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; Discurso; Sujeito

Issues of power and resistance in teacher education: initial and continuing education of English teachers

Lígia Cristina Domingos Araújo (Doutoranda em Estudos Linguísticos - UFMG)

Amanda da Conceição Barros Pereira (Mestranda em Estudos Linguísticos - UFMG)

This paper discusses issues of power and resistance in teacher-student relationships in two different master's researches. The first one was conducted in the context of an English Language teacher education course at a public university in the state of Minas Gerais, Brazil, and was concluded in 2019. The second one took place in a continuing education course for teachers of English from the Belo Horizonte public school system, and is nearing conclusion. Taking advantage of the interdisciplinary character of Applied Linguistics (LA), we lean on the principles and procedures of French Discourse Analysis to guide us in the analysis of our corpora, composed of narratives of teachers and students. Thus, we seek to understand how these actors constituted their discursive and subjective positions in their relationships among resistance and displacements. The theory of discourse mobilized in the analysis and interpretation of our data is based on the presence of alterity and heterogeneity of voices that permeate the words of the subjects (AUTHIER-REVUZ, 1982; 1990; 2004), on the discursive resonances of (SERRANI-INFANTE, 1998), on the concepts of interdiscourse and event (PÊCHEUX, 1974; 2008) and on archive and power device (FOUCAULT, 1969; 1981). With this, we analyze how the relationships between teacher educators and students were designed in the contexts of initial and continuing education. From these observations, we seek to contribute to the studies on the initial and continuing education of teachers of public schools and propose reflections that may point to possible paths for teachers in the planning of training courses, taking into account the subjectivities of the participating subjects and specificities of their work contexts.

KEYWORDS: power; resistance; education

O filme-ensaio como bifurcação da linguagem na metaficção homoerótica do filme “Ilha”

Valéria Amim (Doutora - UESC)

Patrick Silva Cavalcante (Graduando - UESC)

O objetivo deste trabalho em curso é o de produzir uma análise do gênero filme-ensaio, operando um diálogo entre escritos das áreas do cinema, da filosofia e da literatura acerca do gênero em questão, com a finalidade de analisar a forma metaficcional ensaística de temática homoerótica que o filme “Ilha” de Ary Rosa e Glenda Nicácio estabelece. Este trabalho se justifica pela escassez de estudos sobre o tema, cujo primeiro estudo publicado data de 2009 e cuja expressão “filme-ensaio” já nos anos 90 ainda era enigmática. O filme-ensaio é um tipo de gênero cinematográfico que tem sua gênese no ensaio literário, no ensaio filosófico e, por último, no ensaio fotográfico. Houve, num primeiro momento, um questionamento sobre o modo como aquilo que era visto poderia ser expresso em palavras,

59

e, num segundo momento, sobre a forma com que as imagens deveriam ou não dialogar com a escrita. Para Jean Starobinski, não há definição precisa para o ensaio, o qual se assemelha a um enxame de abelhas bifurcando por todos os lados. Dentro desse debate situa-se o filme-ensaio, que, segundo Arlindo Machado, possui narrativas livres, abertas, híbridas, com método próprio e apropriado pelo seu processo de criação. Um dos subgêneros que o filme-ensaio trabalha é o da metaficção, pois que o filme-ensaio leva o seu autor a falar de si e do seu próprio fazer fílmico, e isso pôde ser observado no filme “Ilha”, no qual os autores apresentam um enredo em que um cineasta é raptado por um jovem da periferia que o obriga a fazer o filme de sua própria vida. A trama se desenvolve juntamente com o desenrolar da produção fílmica, na qual ambos estabelecem uma relação homoafetiva ao passo que trabalham com a linguagem poética entre a ficção e a documentação fílmica da própria ficção.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Cinema; Gênero

Discursividades de alunos surdos, professores e intérpretes sobre as práticas de leitura e de escrita na educação inclusiva: da relação do sujeito entre línguas com o saber em Língua Portuguesa

Onilda Aparecida Gondim (Mestre - UFU)

Este trabalho tem como objetivo problematizar por meio de discursividades de alguns alunos surdos, professores e intérpretes o modo como algumas práticas de leitura e de escrita para alunos surdos têm ocorrido em duas escolas inclusivas em Goiás. As práticas de leitura e de escrita que enfocaremos integram as aulas de língua portuguesa como L2 para surdos. A problematização deste trabalho está circunscrita à questão de que o aluno surdo é tomado, por nós, como um sujeito entre línguas; no caso, entre libras e língua portuguesa. Essa realidade implica efeitos para a própria relação do aluno surdo com os saberes que estão em jogo no espaço de sala de aula, tendo em vista a mediação exercida pelo professor e intérprete. Desse modo, à luz da Análise de Discurso preconizada por Pêcheux com interface psicanalítica, perguntamo-nos: Por estar em uma condição de sujeito entre línguas, como o aluno surdo participa ou não das práticas de leitura e de escrita acompanhadas e observadas por nós? Com base nas transcrições produzidas das entrevistas e das aulas, vamos mobilizar alguns excertos discursivos, buscando mostrar como os alunos surdos investigados lidam com tais práticas e a relação que eles estabelecem ou (não)com os saberes nas práticas de leitura e de escrita em Língua Portuguesa em sala de aula. Conclui-se de forma preliminar que há uma forte resistência dos alunos surdos enfocados em relação à Libras dado o modo como são significados em sala de aula. Assumir a Libras, para eles, seria assumir a condição de deficiente.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Escrita; Inclusão

Escrita de si e identidade nos *Cadernos de Lanzarote* de José Saramago

Margarete Santos (Doutoranda em Estudos Literários - UFU)

A discussão teórica proposta neste estudo parte da concepção do escritor e do homem José Saramago que se revela em seus diários intitulados *Cadernos de Lanzarote* (volumes I, II e III) que compõem o período de sua vida de 1993 até 1995, nos *Cadernos de Lanzarote II* (

volumes IV e V) correspondendo ao período de 1996 até 1997 e, também, na obra póstuma lançada em 2018, *Último Caderno de Lanzarote: o diário do ano do Nobel*, correspondendo ao ano de 1998. Nesse contexto, busca-se compreender algumas dinâmicas da produção dos textos autobiográficos pondo em questão a elaboração do diário, no qual se consagra uma prática textual subjetiva e privada, e a relação do leitor com o “eu” do sujeito/autor que se inscreve no contexto de sua criação. Os diários como obra de base literária, sem intenção meramente ficcional, dão um significado específico à condição de sujeito-autor para José Saramago, muitas vezes, revelando-se como espaço em que o autor inicia e elabora suas criações ou um registro experimental da inspiração e composição de suas obras. Embora o autor seja o personagem central dos relatos que envolvem a obra, ocorre a presentificação de vozes como, por exemplo, a voz do leitor mencionado e atuante no texto e, também, como aquele para quem se direciona a futura leitura. Evidencia-se, nos *Cadernos* de José Saramago, a escrita autobiográfica com particularidades discursivas e temáticas revelando a composição intelectual do escritor e os anseios de um homem em seus hábitos convencionais. Dessa forma, configura-se um processo de identidade cultural para estudo e compreensão do autor e sua obra e, conseqüentemente, uma forma de estudo contextual dos diários como obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: Aspectos Autobiográficos; Diário Literário; Autorreferenciação

Alguns discursos que atravessam a educação prisional

Walkiria Felix Dias (Mestranda - UFU)

O trabalho em questão objetiva elencar e discutir discursos que perpassam o ensino-aprendizagem em contexto de Educação Prisional (EP). Para isso, foram analisados comentários em notícias veiculadas online, principalmente em: (i) uma matéria sobre o primeiro título de graduação concedido a um sujeito privado de liberdade; (ii) uma matéria sobre um caso de racismo na Fundação Getúlio Vargas (FGV), o qual tornou público o seguinte enunciado: “*Lugar de criminoso é dentro da cadeia e não na sala de aula*”. O presente estudo dialoga com teorias que reconsideram modos de produzir conhecimento, na tentativa de compreender a atualidade e abrir espaço para que outras vozes sejam contempladas em discussões relativas ao ensino-aprendizado e à formação docente, por isso filia-se ao campo da Linguística Aplicada indisciplinar. A pesquisa também está ancorada na Análise do Discurso e toma a linguagem em sua opacidade e os dizeres como constituídos dos “já ditos”, sempre passíveis de sentidos outros. Foram identificados, em nosso corpus, até o presente momento, os seguintes atravessamentos: (a) A EP é um desrespeito aos cidadãos de bem; (b) A EP não é um bom investimento do dinheiro público; (c) A EP poderia ser substituída pela pena de morte; (d) A EP poderia ser substituída pelo trabalho forçado; (e) A EP deveria ser oferecida apenas a quem cometeu crimes leves; (f) A EP beneficia apenas os criminosos; e (g) A EP é um indício do jeitinho brasileiro. Nossas análises apontam para a necessidade de mais pesquisas sobre a temática em questão, de forma a contribuir para estudos que amparem teoricamente os professores e profissionais da EP e o processo de ensino-aprendizagem de alunos privados de liberdade, oferecendo, assim, maior suporte às discussões sobre a EP.

PALAVRAS-CHAVE: Representações; Comentários; Cárcere

Se o ar fosse sólido: imagens e palavras de “Breath”, de Samuel Beckett

Cristiana Silva Mendes Cangussú (Doutoranda em Estudos Literários - UFU)

O presente artigo analisará o esquete *Breath* (1970), de Samuel Beckett e suas relações entre a imagem e a palavra, além da crítica da representação realista no teatro. A pedido do renomado crítico Kenneth Tynan, Samuel Beckett produziu o esquete *Breath* em 1970 – depois traduzido para o francês, *Souffle* – como parte do espetáculo de Tynan *Oh! Calcutta*, para ser exibido nos Estados Unidos. O enredo, muito fiel à estética beckettiana, é uma representação com uma forte impressão de arte conceitual: gemidos e choros contrastando com luzes intensas e escuridão sob um palco em uma redoma de lixo espalhado; todas essas informações em curtíssimos 35 segundos. Não há personagens, a não ser uma voz que *respira* e chora. Uma das facetas da obra beckettiana é falar pela negação, primar pela economia de expressões, ou ao menos buscá-la através dos silêncios. *Breath* representará o mundo no qual a condição humana é pautada na falibilidade de ação e comunicação. Para tanto, investigaremos a adaptação feita por Damian Hirst da obra à luz do conceito de transposição intermediática proposto por Anne-Marie Christin a fim de aproximarmos conceitos semânticos e simbólicos presentes tanto no roteiro original beckettiano, quanto na versão de Hirst. *Breath* é um trabalho artístico de suma importância não apenas por que culmina toda a experimentação minimalista de Samuel Beckett, mas por que esse esquete sustenta uma forte relação com a teoria e a história da dramaturgia e possui uma complexa e evocativa imagem dramática.

PALAVRAS-CHAVE: Transposição Intermediática; Arte; Instalação

O corpo indisciplinado de Roxane Gay

Sybele Macedo (Doutoranda - UFU)

O corpo, para a psicanálise, não equivale ao organismo, ao corpo biológico da medicina e da biologia. Trata-se de um corpo erógeno, fonte das pulsões, marcado pelo desejo inconsciente e atravessado pela linguagem. Um corpo não é uma realidade primária, ele é construído na relação com o Outro e com seus semelhantes a partir de operações que se desenrolam no imaginário e no simbólico, atravessados pelo real. Diante disso, este trabalho pretende analisar a relação entre obesidade e trauma a partir da obra “Hunger” de Roxane Gay. Gay é conhecida por explorar as intersecções entre gênero, raça e cultura popular e, na obra analisada, propõe empreender uma autobiografia de seu corpo, oferecendo uma janela para tentarmos compreender os efeitos psíquicos do trauma na constituição de um corpo obeso, além de promover uma crítica à mídia e a indústria da magreza, programadas para moldar os corpos a uma imagem idealizada. A história da fome de Roxane Gay, de seu corpo indisciplinado e do trauma que, conforme suas próprias palavras a levou a tentar esconder-se atrás de carne e gordura, serão contemplados através da lente da psicanálise de Freud e Lacan, a fim de discutir a construção e a circulação de corpos obesos na cultura contemporânea e os efeitos que o trauma, a mídia e indústria da magreza têm nos sujeitos obesos cujos corpos, mesmo contra sua vontade, são constantemente submetidos ao discurso, às regulações e às imposições da família, dos amigos e até mesmo de estranhos.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; obesidade; psicanálise

Entre o crespo e liso: a constituição da subjetividade e sua relação com o cabelo

Karina Luiza de Freitas Assunção (Doutora - UFU/ESEBA)

Com o intuito de tecer uma reflexão sobre os processos de normatização dos corpos, a presente apresentação tem como objetivo discutir como se articula a constituição da subjetividade da personagem central do romance **Esse cabelo** (2017) de Djaimilia Pereira de Almeida frente a relação instaurada entre ela e seu cabelo. O discurso desenrolado na narrativa, em primeira pessoa, apresenta suas lembranças de infância, enquanto busca um salão que “alise” seu cabelo crespo. Para atingir o objetivo proposto nos pautaremos na análise do discurso de linha francesa e nos estudos realizados por Michel Foucault. Para a AD o discurso implica uma exterioridade à língua, pois as palavras ao serem pronunciadas carregam em si aspectos que remetem para o lugar social e histórico no qual o sujeito que as proferiu está inscrito. Por sua vez, o sujeito se constitui por um conjunto de vozes sociais, bem como do entrecruzamento de diferentes discursos que remetem para o lugar sociocultural e histórico no qual está inserido. Foucault, no decorrer de suas discussões, esclarece que não existem objetos pré-estabelecidos, tais como a loucura, a sexualidade e outros. Isso quer dizer que são construídos discursivamente e que obedece a determinadas regras que são constituídas historicamente. A partir do mencionado observamos que o sujeito discursivo sofre movências que são constituídas a todo momento por lutas e embates que são estabelecidas a partir da relação de poder instaurada entre ela, sua família, demais sujeitos e seu cabelo. Ou seja, o posicionamento do sujeito discursivo com relação ao fato do cabelo ser crespo ou liso se constitui a partir de verdades que reverberam do discurso de sua família e de outros sujeitos fazendo com que ela, em muitos momentos da trama, sintase deslocada perante o perfil de seu cabelo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Sujeito; Poder

O corpo negro em espaços de poder: relatos de professoras negras

Layenne Humberto de Oliveira (Mestranda - UFMG)

Entender a relação sujeito e corpo é entender como o sujeito se posiciona no mundo (GOMES, 2002). O corpo do sujeito é um corpo social (ORLANDI, 2012) e é por meio dele que os significados são construídos e que ocorre o posicionamento no mundo (GOMES, 2003; ORLANDI, 2012). O corpo, então, não é somente a manifestação da identidade, mas também é o meio pelo qual ela se constitui. Refletindo sobre as interfaces entre o conceito de corporeidade e os processos de constituição identitária, é possível perceber que o corpo é um dos elementos centrais na construção subjetiva dos sujeitos negros, englobando todos os aspectos políticos, estéticos e comportamentais (SILVA, 2014). O contexto social e histórico localiza este corpo em lugares de subalternidade (GOMES, 2019) e renega a sua presença em espaços considerados privilegiados, sendo um deles o espaço de produção intelectual (SILVA, 2014), contribuindo, assim, para a reprodução e reafirmação dos estereótipos construídos desde os tempos da escravidão. Com base nessas questões, o objetivo deste trabalho é problematizar os efeitos produzidos pela presença do corpo negro em espaços de poder a partir de relatos de professoras negras. As

63

participantes são docentes de instituições de ensino superior que, indagadas quanto as suas percepções enquanto professoras negras, relataram como frequentemente sua posição é questionada por terceiros. A análise dos dados gerados por meio de uma entrevista semiestruturada revelou a estreita relação da corporeidade com forma como os sentidos são construídos (SILVA, 2014; GOMES, 2019) e como o racismo ainda persiste nas relações sociais, englobando não só aspectos subjetivos, mas também históricos e culturais. Além disso, foi possível concluir que a questão da corporeidade precisa ser discutida nas mais diversas esferas sociais, a fim de ressignificar elementos importantes para a construção de uma identidade negra positiva.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade; Identidade Negra; Posicionamento

Um olhar da imagem do humano(ide) pelo feminino: hospitalidade ou hostilidade

Fabiene de Oliveira Santos (Doutoranda em Estudos Linguísticos - UFU)

Este trabalho objetiva discutir, além da(s) palavra(s) humano(ide), a relação humana-máquina e analisar o contexto e estratégias que podem operar como modo de afirmação ou negação, hospitalidade ou hostilidade do ser, saber-poder, sobretudo em relação à mulher, com avanço da ciência e da tecnologia. O progresso da tecnociência na contemporaneidade desperta reflexões que envolvem saber e poder, o ser e o “grande” sistema - que suga como um buraco negro persistente - o capitalismo. A criação da humanoide “Sophia”, buscando aparência aproximada a uma humana, torna-se um acontecimento, em especial, por ser ela a primeira robô a conseguir o título de cidadania de um país. Assentados no desencadear da história e de práticas de subjetivação e objetivação entre homens e sobre as mulheres - a partir de uma sociedade patriarcal -, do biopoder e de discursos a respeito da substituição do homem e da dominação pelas máquinas, nos indagamos sobre a relação humana-máquina, particularmente, sobre a escolha pela fabricação feminina de um robô. Desse modo, a partir dessa produção e da imagem da robô “Sophia”, buscamos problematizar e refletir sobre o ser humano, o ser feminino pela interação e/ou legitimação (corpo) humana-máquina nesse contexto. Para este trabalho, nos apoiamos principalmente nos estudos foucaultianos e derridianos. Pensamos que a relação humana-máquina ainda é de contenção do saber-poder pelos homens. A produção feminina, como vitrine de beleza e fragilidade e sinal de hospitalidade, alteridade e altruísmo genuínos pela maternidade, é convocada por homens como modo de assegurar a propriedade humana, não pela geração, mas pela razão e afirmação da dominância humana do ser masculino em “seu” saber-poder. Nesse sentido, a palavra humanoide é a derivação instituída (estratégia de subjetivação) e pode se filiar ao biopoder do homem, este que se perde(u) como humano por hostilidade e diferenciação acentuadas pelo capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Relação Humana-máquina; Saber-poder; Mulher

O patriarcado e a violência de gênero

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (Doutora - UFU)

Esta apresentação tem por objetivo discutir questões relacionadas ao fato de como o patriarcado tem contribuído, ao longo da história ocidental, para a perpetuação da violência de gênero. Discutirei essa perspectiva a partir de um panorama geral e breve sobre a sua

história para, então, estabelecer um diálogo teórico-crítico com o romance “Mulheres Mortas” de Selva Almada (2018) e o conto “The Thing Around Your Neck” de Chimamanda Ngozi Adichie (2009). Para tal avaliação, utilizo, como suporte teórico, autores como Alan Corbin e Jean-Jacques Courtine em *História da Virilidade* (2013) e feministas como bell hooks (2019); Audre Lorde (2019); Nancy Fraser (2019) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado; Violência; Gênero; Mulher

O sujeito e a cultura em cenários online: (re)fazer etnografia

Fabiana Biondo (Pós-doutoranda - USP)

Os cenários de investigação mediados pela internet têm nos feito rever nossos modos de fazer pesquisa, sobretudo pela sua complexidade, pouca previsibilidade e por desafiar modelos tradicionais de comunicação, conforme lembrou recentemente Blommaert (2019). No que se refere às pesquisas de natureza etnográfica, as relações entre online e off-line, a cada dia mais imbricados e menos passíveis de demarcações fronteiriças, têm sido responsáveis por reconfigurações metodológicas e avanços epistemológicos nos modos de pensar a etnografia. Sob o rótulo de etnografia virtual, etnografia digital, etnografia para a internet, netnografia ou webnografia, as investigações nesses ambientes têm sido responsáveis por nos fazer repensar a ética em pesquisa, a heurística das interações e o status da subjetividade, para citar alguns. Esta última, realocada do sujeito para os eventos e práticas sociais (do self para o selfie), conforme Blommaert (2019), o que estreita ainda mais as relações entre sujeito e cultura em nossos estudos no campo da linguagem. A partir de dois exemplos de pesquisas realizadas em três mídias digitais – Twitter, Facebook e Instagram –, este trabalho busca discutir modos contemporâneos de pensar e de fazer pesquisa etnográfica sobre sujeito e cultura na era digital, por meio de uma hipótese em duas vias interdependentes: 1) a necessidade de ampliar o olhar para as pistas da linguagem e para a dinâmica das interações nesses cenários; 2) a importância de se fortalecer uma compreensão da identidade centrada na ação, na linguagem e nas múltiplas relações entre sujeito e cultura que configuram os ambientes socioculturais, políticos e econômicos do digital.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito; Cultura; Etnografia; Digital

Práticas de multiletramentos e pedagogia reflexiva na plataforma Scholar: relato do projeto piloto USP - UIUC (2019).

Rodrigo Abrantes da Silva (Mestrando - USP)

Quando procuramos entender o que é necessário mudar em educação hoje, a tecnologia digital aparece como um fator essencial no processo de revisão de práticas pedagógicas, estruturação do ambientes de aprendizagem e de relacionamento professor/aluno. Nesse sentido, muitos estudiosos que têm se dedicado a descrever e a pensar as características da sociedade digital, em relação à sociedade da escrita, revelando a presença de um novo *ethos*, marcado por novas formas de produzir conhecimento (GEE, 1988; LANKSHEAR, KNOBEL, 2011; MONTE MOR, 2018). Pensando na atuação do professor na sociedade digital, Cope e Kalantzys sistematizaram um conjunto de elementos propiciadores

(*affordances*) da aprendizagem nesse novo contexto. Assim, aprendizagem ubíqua, comunicação multimodal e inteligência colaborativa são alguns exemplos dos elementos desenvolvidos pelos autores, que podem ser observados, na prática, por meio do uso do ambiente virtual Scholar (2016). Diante disso, o objetivo do presente trabalho é relatar a terceira edição do projeto piloto entre USP e a Universidade de Illinois, realizado na plataforma Scholar, com 22 professores universitários de diferentes regiões do Brasil. Pretende-se que o relato evidencie pontos de articulação entre as teorizações sobre a sociedade digital e a emergência de novas relações de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos; Sociedade Digital; Plataformas

Etnografia digital, língua(gens) e o trâmite entre os universos online e off-line

Eliane Fernandes Azzari (Pós-doutoranda - USP)

Tendo a paisagem digital como contexto de pesquisa e orientada pelo dialogismo discursivo, busco amparo metodológico na etnografia digital, proposta por Pink et al (2016), para expandir o estudo do sujeito, da construção de identidades e da agência discursiva, a partir de perspectiva interdisciplinar. Investigo práticas e produções socioculturais que, fazendo uso de tempos-espacos digitais, com seus diversos modos para a construção de sentidos, deixam rastros de um sujeito-autor. Marcados por atos e réplicas ativas – conceitos que empresto de Bakhtin (2017) –, estudo manifestações de sujeitos que tramitam entre mídias, navegando entre os universos online e off-line, criando e compartilhando suas produções, como apontam Blommaert e May (2019). Foco em professores de inglês, como enunciadores profissionais e/ou amadores, que mobilizam agência discursiva híbrida, termo sugerido por Medina (2006), ressignificando práticas sociais que operam a interface ensino-aprendizagem de língua em vídeo aulas gratuitas e/ou postagens em diversas mídias digitais, tais como o Twitter e o Facebook, ou mesmo blogs e sites. Nessa direção, acredito que o estudo de práticas socioculturais apoiadas em recursos disponibilizados em ambientes online, possa contribuir para investigações no campo das relações estabelecidas por sujeitos contemporâneos e(m) seus discursos que, manifestados em paisagem digital, dialogam com eventos que marcam a sociedade atual também no universo off-line. Resultados preliminares de um mapeamento dirigido no ciberespaço, sugerem que a circulação pública e gratuita de conteúdos e sua movimentação transmídia constituem processos que implicam a (re)construção de identidade(s) de professore(a)s de inglês, discussão que pretendo aprofundar a fim de analisar possíveis implicações desses processos para a formação docente e o papel/lugar da educação em língua inglesa no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem digital; Sujeito; Agência Discursiva

Political remix: novas epistemologias, plurilinguismo e o discurso citado nas culturas juvenis

Eduardo de Moura (Pós-Doutorando - USP)

Na atualidade, observa-se uma tensão entre duas forças relacionadas: globalização e políticas de diversidade em nível local. Destaca-se a necessidade de refletimos sobre novas epistemologias e competências, especialmente sobre aquelas necessárias na criação, envolvimento e negociação de diversidades locais e globais (Kalantzis e Cope, 2006). Em

uma abordagem crítica, isso implica estabelecer diálogos entre culturas, linguagens e mídias, usando Novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, negociando e compreendendo as variedades crescentes dentro de idiomas (dialetos, sotaques, estilos e registros) e discursos presentes nos diferentes campos/esferas da vida. Conseqüentemente, é altamente necessário estabelecer relação entre o plurilinguismo (como proposto por Bakhtin e seu Círculo) e o uso de ferramentas digitais capazes de lidar com novos enunciados multissemióticos em novos ambientes e mídias. Assim, precisamos reconhecer a natureza que define as novas maneiras pelas quais jovens constroem e compartilham significados no mundo contemporâneo para compreender melhor como as culturas juvenis estabelecem, por meio de novas práticas letradas, suas redes, sociabilidades, estética, processos de profissionalização e participação política. Nesse sentido, o *sampling/remix* é parte fundamental de novas epistemologias em desenvolvimento que inclui novos valores, novas estéticas e novas maneiras de criar e compartilhar significados. Além disso, concordamos com Makoni e Pennycook (2012) quando apontam que, com a proliferação de redes baseadas no consumo e na distribuição de remixes audiovisuais, fica evidente a necessidade de desenvolver teorias e pedagogias que vinculem essas novas práticas à adoção de novas metodologias capazes de combinar diferentes semioses (imagens, som e assim por diante). Portanto, a partir desse referencial teórico, objetivamos propor e discutir as práticas de *sampling* e *remix* produzidos em contexto digital denominados de *political remix* e metodologias interdisciplinar implementadas nos estudos do *remix* e nas humanidades digitais capazes de fornecer orientações para a construção diferentes parâmetros centrados na concepção dos Novos Letramentos.

PALAVRAS-CHAVE: *Remix*; *Sampling*; Epistemologia; Discurso Citado

Transculturalidade, intermedialidade e novas produções estéticas: leituras sobre a arte surda contemporânea

Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos (Pós-Doutoranda - USP)

A emergência de novas tecnologias de informação e de comunicação na contemporaneidade impactou na tessitura de um cenário no qual as relações de produção, consumo e circulação foram sensivelmente alteradas. Abriu-se espaço para uma dupla mudança de turno. A primeira diz respeito à substituição da escrita e do livro, como meio e modo predominantes de comunicação, pela imagem e a tela (KRESS, 2003). A segunda, atrelada à primeira, concerne à organização distinta das noções de recepção e de autoria, capazes de situar o sujeito em uma arena de produção que o liberta de uma posição passiva e potencializa a sua pulsão criativa e dialógica (CANCLINI, 2010). Nesta paisagem, interessa-nos estudar a construção e a disponibilização de produtos estéticos construídos por minorias linguísticas e culturais, as quais ganham visibilidade, por questões vinculadas a políticas públicas e por um certo descentramento provocado por novos paradigmas acerca da noção de arte (RESENDE, 2016). Interessa-nos, especificamente, refletir sobre uma literatura surda, constituída por uma linguagem estética transcultural e a partir de estratégias de intermedialidade (RAJEWSKY, 2012) em diálogo com experiências artísticas plurais, como a performance, o cinema e as mídias digitais. Para tanto, analisaremos algumas produções de uma categoria chamada pelas comunidades surdas de Visual

Vernacular, o que implica em pensar uma forma artística radicalmente experimental. Constitui, ainda, um campo de reflexão sobre os processos epistemológicos que lhe baseiam, assim como um espaço para indagar tanto a respeito de modos possíveis de se pensar a inespecificidade estética de produtos contemporâneos híbridos (GARRAMUÑO, 2014), como a literatura Visual Vernacular, quanto para buscar caminhos para pesquisá-los e compreendê-los.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Surda; Transculturalidade; Intermidialidade; Novas epistemologias

RELEASE DA ARTISTA

**CAROL CAIXETA (Artes Visuais – UFU)
Ceramista e Artista Visual - Uberlândia-MG**

Autodidata em trabalhos manuais como pintura, crochê e desenho, descobriu a cerâmica como linguagem artística em 2016 ao ingressar no Curso de Artes Visuais pela UFU. Desde então a sua trajetória na cerâmica tem sido entre ministrar oficinas de modelagem, organizar feiras expositivas e realizar instalações artísticas. Trabalha com peças utilitárias e esculturas que aborda a sexualidade, gênero e corpos.

Obra: “BUCETAS CHEIROSAS”

Naturalização do cheiro e visão da vulva através da experiência sensorial

Projeto de instalação e ação educativa com o objetivo de trazer reflexões e conhecimento sobre a vulva, naturalização pelo olfato em relação ao tabu do cheiro, conhecimento através das suas variadas formas, por meio de uma experiência sensorial. Instalação é realizada em espaços urbanos com tamanhos variados de vulvas feitas de cerâmica, penduradas por barbantes e com o intuito de inserir aromas do nosso cotidiano, onde os transeuntes têm total participação com a obra.